

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE LETRAS
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES**

LUÍSA BRANCHI ARAÚJO

**ANOTAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO DO LIVRO
THE JAILING OF CECELIA CAPTURE, DE JANET CAMPBELL HALE**

**PORTO ALEGRE
2023**

LUÍSA BRANCHI ARAÚJO

**ANOTAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO DO LIVRO
THE JAILING OF CECELIA CAPTURE, DE JANET CAMPBELL HALE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharela em Letras pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ian Alexander

**PORTO ALEGRE
2023**

RESUMO

Este trabalho registra duas traduções feitas por mim de trechos selecionados do livro *The Jailing of Cecelia Capture* (1985), de Janet Campbell Hale, e minhas observações sobre o processo tradutório. Esse romance e outros livros escritos pela autora, como *Bloodlines: Odyssey of a Native Daughter* (1993), foram publicados no período conhecido como *Native American Renaissance*, que compreende dos anos 1960 até hoje, caracterizando uma época nos Estados Unidos em que se observou um aumento na publicação de obras literárias de autoria indígena escritas em inglês. Esse aumento foi muito impulsionado pelas discussões sociais que emergiam nas décadas de 1960 e 1970 no país, como o movimento pelos direitos civis de pessoas negras, que motivaram também o debate sobre os direitos dos povos originários, como direito ao voto, demarcação de terras, representação política, entre outros. Esses temas compõem um dos cenários do romance de Hale que escolhi analisar e traduzir. A protagonista, Cecelia, é uma mulher de 30 anos, estudante de direito, que acaba presa em Berkeley, na Califórnia, por dirigir embriagada e pelo reaparecimento de uma antiga acusação de fraude no auxílio do governo a pessoas de baixa renda. Na prisão, ela rememora as vivências que a levaram até o dia da detenção. Cecelia foi criada na reserva Coeur d'Alene e morou em lugares urbanos na juventude, e sua voz no romance reflete as experiências que teve nesses ambientes. Minha intenção foi fazer um estudo descritivo detalhando minhas apreensões, limitações, meus recursos e cuidados ao traduzir para o português brasileiro as vivências e a voz de Cecelia.

Palavras-chave: Janet Campbell Hale. Tradução comentada. Literaturas indígenas norte-americanas contemporâneas.

ABSTRACT

This work documents two translations I made of selected passages from Janet Campbell Hale's *The Jailing of Cecelia Capture* (1985), as well as my thoughts on the translation process. This novel and other books written by the author, such as *Bloodlines: Odyssey of a Native Daughter* (1993), were published during the period known as the Native American Renaissance, which comprehends the 1960s until today, and describes a time in the United States when Native American literature written in English increased. This increase was greatly fueled by social discussions that emerged in the 1960s and 1970s in the country, such as the civil rights movement for black people, which also motivated the debate about the rights of the Native people, such as the right to vote, land demarcation, political representation, among others. These themes make up one of the scenarios in Hale's *The Jailing of Cecelia Capture*. The protagonist, Cecelia, is a 30-year-old law student who ends up in jail in Berkeley, California, for drunk driving and for an old accusation of welfare fraud. In prison, she recalls the experiences that led her to the day of her arrest. Cecelia was raised on the Coeur d'Alene reservation and lived in urban areas during her youth, and her voice in the novel reflects the experiences she had in these environments. My purpose was to conduct a detailed descriptive study outlining my apprehensions, limitations, resources, and concerns when translating Cecelia's experiences and voice into Brazilian Portuguese.

Keywords: Janet Campbell Hale. Annotated translation. Contemporary Native American literatures. Native American literatures.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
1.2	TRADUTORA E MOTIVAÇÕES.....	5
1.3	<i>THE JAILING OF CECELIA CAPTURE</i> , JANET CAMPBELL HALE E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA DOS POVOS ORIGINÁRIOS DA AMÉRICA DO NORTE.....	6
2	ANOTAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO	15
3	AMOSTRA DE TRADUÇÃO	31
4	LIMITAÇÕES NA TRADUÇÃO	47
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho registra duas traduções de trechos selecionados do romance *The Jailing of Cecilia Capture*, de Janet Campbell Hale (1985), feitas por mim e algumas anotações sobre o processo tradutório, minhas preocupações, soluções e limitações. Minha intenção é estudar a tradução de uma escritora indígena de descendência Coeur d'Alene para o português brasileiro.

Nas aulas de tradução e de versão, geralmente começávamos o processo de traduzir por uma pesquisa para conhecer o autor, a história e os temas abordados. Essas pesquisas ajudavam a dar os primeiros passos para entrar na história e fazer escolhas de tradução conscientes. Minha proposta nesta seção é contar brevemente pontos importantes do livro e da personagem principal, Cecelia Capture, para a tradução: um resumo de acontecimentos que mostram quem ela é, de onde veio, onde está agora, a saúde mental, algumas preocupações, etc. Trago, também, informações sobre Janet Campbell Hale, sua obra e seu papel na literatura indígena norte-americana contemporânea, além de, para isso, apresentar um breve panorama sobre essa literatura. Embora a minha pesquisa não tenha sido feita de forma tão linear como apresento nesta seção — porque desde a primeira vez que traduzi *The Jailing of Cecilia Capture*, passando por quando fiz o projeto de TCC até a escrita deste trabalho, o que me fez fazer outras pesquisas para aprofundar e atualizar o processo tradutório — se passaram quatro anos. Também conto um pouco sobre as minhas motivações para trabalhar com o livro e como aconteceu essa escolha. Espero, com isso, que quem estiver lendo consiga entrar um pouco na história, saber de onde parto e acompanhar melhor a análise da tradução.

1.2 TRADUTORA E MOTIVAÇÕES

Conheci *The Jailing of Cecilia Capture* quando procurava por livros de escritoras indígenas na internet. Em um dos encontros do clube do livro da Letras, há alguns anos, lemos o conto “Borders”, de Thomas King, escritor de descendência Cherokee. A professora Marta Ramos participou, e conversamos um pouco sobre a literatura indígena norte-americana contemporânea. Era um tema novo para mim, mesmo já estando na metade do curso, e, por isso, procurei outros autores. Encontrei o nome da Janet Campbell Hale em um artigo sobre “Cinco escritoras indígenas contemporâneas que precisam ser divulgadas”, escrito pela Luisa Geisler (2019).

O curso de Letras me encantou desde o início por mostrar possibilidades de mundos e reflexões que eu não tinha visto até começar a cursar. Lembro que, quando fui entregar a documentação para a matrícula, o servidor comentou que era “um curso muito bonito” e eu não ia me arrepender. Longe de romantizar a academia, não posso deixar de dar razão a ele. Lá em 2015, quando entrei, tudo era muito diferente do que eu, uma mulher de, na época, 24 anos, que tinha se formado há oito anos num colégio público e estava também já há oito anos no mercado de trabalho, tinha vivido até ali. Os sentimentos eram ambivalentes, porque, ao mesmo tempo em que me sentia feliz por poder discutir com outras pessoas sobre o que gostava desde pequena, como literatura e inglês, me sentia totalmente não pertencendo ao mundo acadêmico. Acho que uma das minhas formas de amenizar isso foi participar de atividades extracurriculares que me fizessem enxergar mais do que eu via nas salas de aula. Uma dessas atividades foi o clube do livro da Letras, em que buscávamos ler autoras e autores não canônicos e que normalmente não eram trabalhados nas aulas.

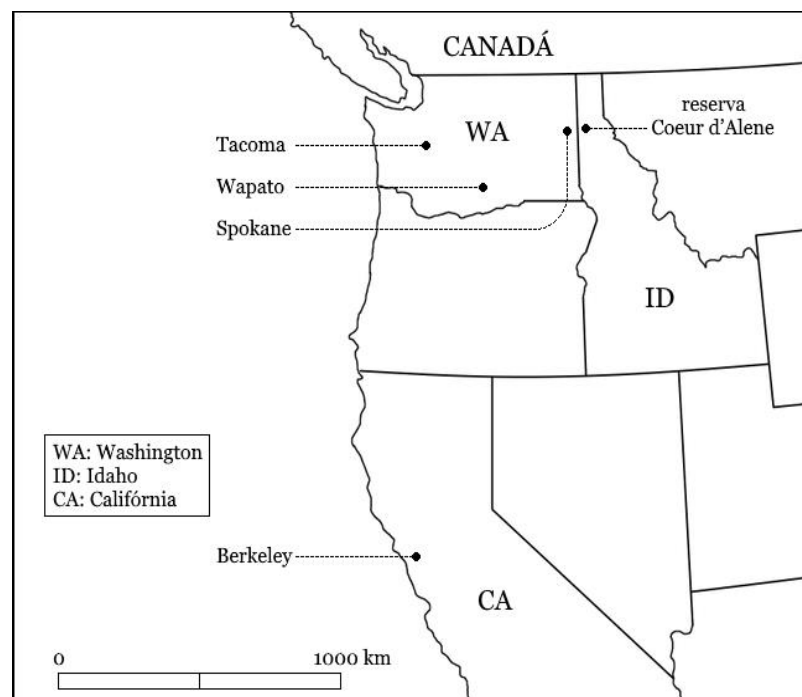
Veio daí meu interesse pela literatura indígena e a escolha de trabalhar com o tema no estágio de inglês. Nessa ocasião, traduzi o primeiro capítulo de *The Jailing of Cecelia Capture*, já pensando que gostaria de continuar o estudo no futuro, no TCC. Porém, no meio do caminho, a ideia de que eu (uma mulher branca, que sempre viveu em ambientes urbanos, numa capital no sul do Brasil) traduziria uma escritora de um contexto tão diferente do meu não parecia correta, ainda mais por ela estar entre escritores que tão dificilmente têm espaço nas editoras e na academia para contar a própria história. O que me fez voltar à intenção de seguir com este projeto é que, talvez, o fato de estudarmos esses escritores possa dar um pouco mais de luz à obra deles, possa ajudar a abrir um espaço não só no mercado editorial, mas também nos estudos da universidade.

1.3 *THE JAILING OF CECELIA CAPTURE*, JANET CAMPBELL HALE E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA DOS POVOS ORIGINÁRIOS DA AMÉRICA DO NORTE

Quando o narrador começa a contar a história, Cecelia está dentro de uma delegacia em Berkeley, Califórnia, a princípio porque foi pega dirigindo sob a influência de álcool. O narrador onisciente em terceira pessoa conta as percepções de Cecelia nesse lugar, suas preocupações e observações sobre o ambiente, sobre outras pessoas que estão ali e sobre ela mesma. Ao mesmo tempo, ele retorna com a personagem a alguns períodos da sua vida, avançando no que aconteceu na prisão e indo ao passado para contar a história dela. Ela relembra de momentos importantes da sua vida enquanto está na prisão.

Cecelia Capture Welles, no começo do romance, é uma mulher de 30 anos, estuda direito na Universidade da Califórnia, mora sozinha num apartamento em São Francisco, tem dois filhos e é casada, embora não tenha uma relação próxima com o marido, que tem a guarda dos dois filhos. Até chegar a esse momento, Cecelia tinha se mudado algumas vezes. Até os 12 anos, foi criada na reserva Coeur d’Alene, em Idaho, no norte dos Estados Unidos. Viveu parte da vida em terras indígenas e parte em ambientes urbanos — Tacoma e Wapato, em Washington, Spokane e Berkeley, na Califórnia (Figura 1).

Figura 1 — Mapa de onde Cecelia morou.



Fonte: da autora.

A descendência Coeur d’Alene vem do pai, um homem que, antes mesmo de ser considerado cidadão estadunidense, lutou na Primeira Guerra Mundial pelo país. A cidadania viria em 1924, com o *Indian Citizen Act*, documento que reconhecia como cidadãos estadunidenses todos os indígenas nascidos dentro do território dos Estados Unidos, teoricamente permitindo que tivessem os mesmos direitos cívicos dos cidadãos não indígenas, como votar nas eleições. Porém, em alguns estados, como o Arizona e o Novo México, esse direito ao voto só se concretizou 24 anos depois do *Indian Citizen Act* (PAULS, 2023 [1999]). O pai e o avô de Cecelia participavam do *tribal council*, uma organização que regulamentava questões econômicas, sociais, culturais e religiosas de cada reserva, nesse caso a Coeur d’Alene. Hoje em dia, por exemplo, o *Tribal Council* tem iniciativas para manter preservada a língua

nativa desse povo, além de muitas outras. O pai criou Cecelia para que chegasse à universidade e estudasse direito para representar legalmente os povos originários na luta de demarcação de terras e direitos. Por isso, ela não estudou na escola missionária cristã — diferente de outras crianças que viviam em reservas, inclusive seus irmãos mais velhos —, porque não seria bom para seu futuro acadêmico, mas sim na escola da cidade, em Lodi, onde as crianças brancas estudavam. Não aprendeu a língua nativa do pai, para que não interferisse no seu conhecimento de inglês.

Ela foi uma estudante exemplar durante toda a formação, mas acabou engravidando aos 17 anos e deixou o colégio. Retomou os estudos, já em São Francisco, ainda quando o filho era criança, enquanto recebia um auxílio do governo destinado a famílias de renda baixa. Seja em espaços comumente ocupados por pessoas brancas (como a escola de Lodi e a Universidade), seja na relação com os familiares da mãe (irlandeses) e familiares do marido (pessoas com um alto *status* social), ou na própria casa, desde criança, ela sobrevive ao racismo por suas raízes indígenas. Quando adulta, bebia muito, como o pai, que era alcoólatra. Tinha problemas de socialização e mantinha pouquíssimas relações com outras pessoas.

A maneira como Hale escolhe escrever essa história, com um narrador que sabe de tudo o que aconteceu, o que vai acontecer e o que Cecelia vê e sente, fez com que me sentisse muito próxima da personagem. Embora a história esteja escrita em terceira pessoa, a voz da Cecelia está presente o tempo inteiro. O vocabulário dela mostra que é uma estudante de direito, como a menção à Advertência de Miranda (o aviso que os policiais dão à pessoa que está sendo presa sobre ter o direito de permanecer em silêncio e ter um advogado para representá-la); as referências mostram que ela foi criada em uma reserva (como a referência à Moses Broketooth) e também viveu em uma cultura urbana. A cultura country dos Estados Unidos está muito presente, na música, por exemplo (o pai dela escutando *Kaw-Liga*, de Hank Williams).

Ela tem uma maneira muito particular de formar adjetivos hifenizando várias palavras juntas, como “*one slice of more-than-one-day-old plain white bread*” e “*a going-away-to-college present*”. Mesmo que Cecelia não tenha aprendido a falar a língua nativa dos seus ancestrais, talvez essa singularidade possa ser resultado da convivência com o pai. O narrador não menciona que língua é essa, mas a língua falada pelo povo Coeur d’Alene se chama Snychitsu’umshtsn (EBERHARD; GARY, 2023). Já nos anos 1970, a quantidade de falantes dessa língua já vinha diminuindo muito (THE SPOKESMAN REVIEW, 2014) — hoje é considerada com alto risco de extinção; em 2014, só duas pessoas a falavam fluentemente (ELP, s.d). Isso indica que não só o pai de Cecelia via necessidade de que a filha não aprendesse a

língua, mas também outras famílias, como forma, talvez, de que as gerações mais novas dominassem o inglês para terem mais chances de progredir nos estudos e defender os seus direitos. A diminuição e a extinção dessa e de outras línguas indígenas no mundo inteiro também são resultado da colonização e da tentativa de apagar as culturas dos povos originários. Por outro lado, usar o inglês pode ser um recurso de luta, que reflete na literatura contemporânea de autoria indígena e escrita em inglês:

Sendo, portanto, uma literatura produzida no espaço de negociação entre dois mundos – o do colonizador e o do colonizado –, a literatura indígena se apresenta muitas vezes como um local de combate e dissolução de históricas posições de vítima. É por isso, por exemplo, que a língua inglesa, historicamente apresentada como elemento de alienação e aculturação, é colocada nesses textos em função quase tão central quanto alguns personagens. Ela é colocada como arma de que os indígenas se apropriam a fim de transgredir o próprio poder que a impôs (WESTPHALEN, 2007, p. 12).

Hale descreve os espaços, os outros personagens e as cenas com muitos detalhes que remetem à experiência de vida da protagonista, aos seus traumas, às conexões que faz com o mundo. Em alguns trechos, principalmente nas cenas que acontecem dentro da prisão, o narrador parece assumir a voz da Cecelia estudante de direito, como se ela estivesse observando as evidências como uma profissional da área, tentando ligar os vestígios, as marcas no corpo, o tempo, para entender o que aconteceu. No trecho a seguir, por exemplo, estava algemada e tinha sido transferida da sala de detenção provisória à prisão de Berkeley, sem motivos aparentes, já que apenas foi pega dirigindo alcoolizada; não era exatamente uma criminosa para estar sendo tratada daquela maneira:

There was time enough to have been transported to the Berkeley jail, hands manacled behind her back. Was that necessary? she wondered. Did they believe that it was? The skin around her wrists was red, and her wrists themselves felt as if they had been bruised, but no bruises were apparent. They would probably show up later, she thought, all blue and purple and ugly [...] (HALE, 1987, p. 3).

Mas o contexto que ela estava tentando entender, nesse caso, era o dela própria e, por mais que tentasse se manter emocionalmente distante, não conseguia. A descrição da cena, então, parece se tornar mais visceral, aparecendo na forma de machucados e sensações, para refletir sua submissão forçada, o abuso e o desrespeito.

She was drunk and therefore somewhat anesthetized and also trying to remain detached from all of this, yet she did feel a surge of anger as she watched them stick the syringe into her unwilling flesh. She felt violated. She watched the tube attached to the syringe fill with her life's blood, deep, dark red. **Her very blood was taken without her permission** (HALE, 1987, p. 4).

O tempo vai avançando na sala de detenção provisória, e ela, já estando sóbria, se cobre com um cobertor e cochila em um canto da cela, sem conseguir descansar. O frio, a exaustão, a ressaca e o sentimento paralisante de não poder fazer nada diante da demora em ser liberada parecem refletir naquele espaço:

Then it was snowing outside, and the window was covered with ice. The man was gone. The window shattered and fell away in thin little pieces, letting in the snow and the cold wind, and still she could only lie there as if in a deep, deep sleep. [...] She still could not move, and the snow fell on her, covered her long, long straight black hair, which lay spread out around her, covered her eyelids and then her entire face. Soon she would be buried in snow, would die when her blood turned to ice. That would be all right. That was the way she always hoped that she would die, like Moses Broketooth back home, when she was a child of four, or maybe five (HALE, 1987, p. 9).

Muitas vezes, as descrições de Hale salientam uma cor, especialmente o vermelho, que tem bastante espaço na história. Em certo momento, Cecelia, com 12 anos, está se arrumando para ir à escola. Ela passa sombra azul e rímel, veste um jeans justo e um suéter vermelho. Quando passa pela sala, onde o pai está sentado no sofá lendo anotações para uma reunião do *tribal council*, ele chama a atenção dela para que tire aquele suéter, porque “None but a certain kind of woman wears red” e porque “They used to say you could always tell Indians because of the color red. When they saw a rig coming or people riding horses in the distance, they would say, ‘Just look for the color red, and you’ll know if they’re white or Indian’”. Embora possamos pensar que essa aversão à cor vermelha está associada a um puritanismo cristão, considerando a escola missionária em que o pai de Cecelia estudou, ele não reparou no jeans apertado nem na sombra chamativa nem nas camadas de rímel nos cílios dela, mas o suéter vermelho jamais passaria batido. A preocupação parece ser maior com o fato de que ela vai ser reconhecida como indígena: “The color red is complicated; it can signify a ‘redskin’ or warring Indian, but it is also a sacred color for many Native peoples” (FURLAN, 2010, documento *online*). Ao longo do livro, o avô, o pai e a mãe de Cecelia deixam muito clara a necessidade de apagar suas raízes. Eles evitam mostrar qualquer ligação com essas raízes. A própria Cecelia sente que “Like many Indian people of his generation, her father seemed [...] ashamed of being Indian, although he would denied it vehemently” (HALE, 1987, p. 59).

Durante a tradução, cada palavra usada para descrever os espaços físicos, as sensações, os outros personagens é muito importante, porque essa descrição mostra quais referências de mundo Cecelia acessa, quais conexões ela faz (como quando compara a cela em que está com um hospital indígena). Quando me propus a traduzir essa história, sabia que teria que pensar em como lidar com esses aspectos de personalidade, linguísticos e culturais.

A autora, Janet Campbell Hale (1946–2021), é, assim como a personagem principal do romance, de origem Coeur d’Alene, pela parte do pai, e Kutenai (de onde hoje é a Colúmbia Britânica, no Canadá) e irlandesa por parte da mãe. Elas têm em comum muitas outras condições, como o alcoolismo do pai, a gravidez muito jovem, o fato de ter deixado a escola, entre outros. Hale publicou uma antologia de poemas em 1972, e o primeiro romance, *The Owl’s Song*, em 1974. Outros livros de autoria dela são *Custer Lives in Humboldt County & Other Poems*, em 1978, *Women on the Run*, de contos, em 1999, e *Bloodlines: Odyssey of a Native Daughter*, um conjunto de ensaios autobiográficos (LYNCH, 2014 [2023]).

A primeira edição de *The Jailing of Cecilia Capture* saiu pela Random House em 1985. Foi escrito originalmente em inglês e até o momento não foi traduzido para nenhuma língua. Hale toca em temas que já eram emergentes há quase 40 anos, mas ainda precisam ser discutidos, tanto nos Estados Unidos quanto em outros países, como Brasil e Austrália: a demarcação de terras, a representação dos povos originários nos órgãos públicos, o alcoolismo e a discriminação, além do acesso à universidade, dos programas governamentais, da garantia à saúde e à alimentação, do respeito e da valorização das suas culturas, a identidade indígena nos centros urbanos, entre outros.

Nos anos 1980, muitas escritoras indígenas escreveram sobre espaços urbanos, tanto na poesia quanto na prosa, como Paula Gunn Allen, Linda Hogan e Joy Harjo, assim como Janet Campbell Hale. Essas duas últimas escreveram sobre protagonistas mulheres indígenas que tentavam se adaptar à vida urbana, mas acabaram tendo dificuldade por motivos relacionados a gênero, que apenas mulheres enfrentam, como maternidade e sexismo, além de abuso sexual e psicológico.

O livro, embora tenha recebido o Pulitzer Prize, não foi muito lido e estudado, e o motivo, segundo alguns críticos, como Ernest Stromberg e Louis Owens, é que faltariam elementos explícitos das culturas indígenas, como marcas das tradições orais, símbolos, menções à espiritualidade e aos modos de ver o mundo (“*Indianness*”). Para que um livro de autoria indígena seja vendido, Owens argumenta, precisaria ser facilmente reconhecível como tal, com aspectos que tanto os editores quanto os leitores conseguiriam relacionar com os povos nativos, como as reservas, a pobreza e o alcoolismo (FURLAN, 2010).

No entanto, embora não haja no livro aspectos óbvios que o mercado editorial e certos leitores talvez queiram encontrar nas narrativas de povos originários, toda a história é contada pela visão da Cecelia, que tanto experiencia quanto vê acontecer com outros indígenas situações de pobreza e alcoolismo, por exemplo. A personagem passou grande parte da vida em contextos urbanos, mas foi criada por 12 anos na reserva Coeur d’Alene e morou mais algum tempo em

outra reserva, Yakima. E, embora tenha sido privada de conhecer a língua nativa do pai, por exemplo, e tenha sido induzida a ficar longe da cultura Coeur d'Alene, inevitavelmente essa cultura ajudou a construir quem ela é. Até porque, em certo momento, ela se aproxima das raízes originárias e acaba seguindo o caminho que o pai queria, de ajudar a defender os direitos desses povos.

Laura Furlan diz que a “*Indianness*” de Cecelia está sim explícita na vivência dela (a exemplo de quando ela decide se dedicar às pautas indígenas como advogada, representando-os, com um compromisso social e político) e que a falta de afeto que ela demonstra pela vida na reserva, seu individualismo (provavelmente em oposição à vivência coletiva de uma reserva) e sua “*detrribalization*” não tornam o romance menos indígena.

Hale’s novel lacks the spatial fixity of most American Indian writing, and Hale’s protagonist challenges the established roles for Native women in fiction. Educated, fiercely independent, and decidedly conscious of indigenous feminist concerns, Capture is a new kind of Native subject—one who must articulate an identity and a home outside of the confining spaces of the reservation (FURLAN, 2010, documento *online*).

Ele não segue os moldes dos romances de autoria indígena escritos até então, com protagonistas que deixam a reserva e se mudam para a cidade, são corrompidos pelo meio urbano e voltam para casa para se reintegrar (estrutura “*homing plot*”, de acordo com William Bevis). E Hale tomou a decisão de fazer isso de forma consciente: “Hale works to subvert the expectation that Indians cannot survive in the city, a belief that was perpetuated by scores of sociological studies, newspaper articles, and documentary films, particularly in the 1970s” (FURLAN, 2010, documento *online*).

As obras indígenas escritas entre 1960 e 1970 pareciam evidenciar mais as questões políticas que estavam emergindo nessa época, como as políticas de *termination* e *relocation*. A *Indian Termination Policy* estabelecia leis para forçar os povos originários a se adequarem à cultura e à política dos Estados Unidos. A *House Concurrent Resolution 108*, de 1953, por exemplo, pretendia acabar com as reservas e com a independência das comunidades indígenas. A *Public Law 280*, do mesmo ano, passava as jurisdições civil e criminal sob as reservas e seus habitantes para os estados, como a Califórnia, o que, na prática, deixava os povos indígenas sob o poder de cada estado, diminuindo a responsabilidade do governo federal na proteção das reservas. Por sua vez, o *Indian Relocation Act* buscava tirar as pessoas das reservas e mandá-las a grandes centros urbanos, supostamente para diminuir a pobreza e dar a elas condições de

vida melhores. Na prática, porém, era uma política pública para extinção desses povos e teve efeitos desastrosos: muitos se mudaram para a cidade, abandonando suas terras, tradições e identidade para entrar numa estrutura de trabalho com salários baixíssimos e condições ruins, além de viver em cidades que os desprezavam e discriminavam (HOWARD, 2023; UAF, s.d.).

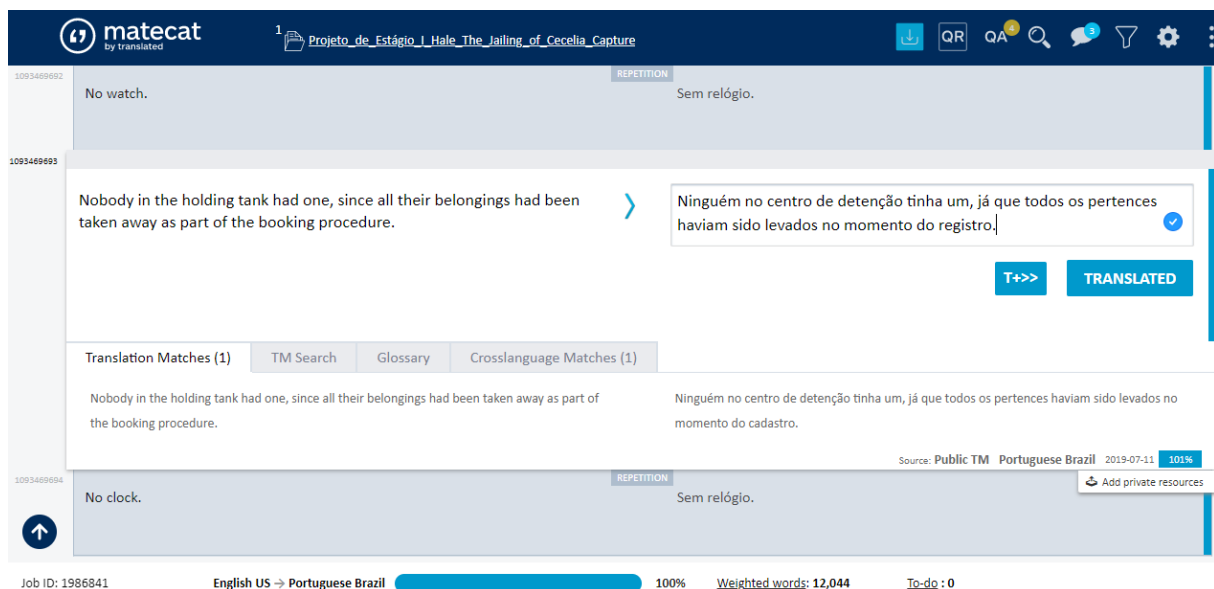
A partir dos anos 1960, motivados pelos movimentos de direitos civis da população negra nos Estados Unidos, muitos grupos começaram a se formar e reivindicar os direitos dos povos indígenas, como o *Red Power Movement* e o *American Indian Movement*. Em 1969, centenas de indígenas liderados pelo ativista Richard Oakes chegaram à ilha de Alcatraz, na Baía de São Francisco, onde antes havia uma prisão de segurança máxima (desativada pelo governo americano em 1962), para ocupar aquela terra. A ocupação durou 19 meses, até 1971. O grupo se intitulava *The Indians of All Tribes* e trouxe a atenção do público para as pautas indigenistas nos Estados Unidos (JOHNSON, 2019).

Esses movimentos abriram certo espaço, ao menos na América do Norte, para que grupos minoritários se expressassem, reivindicando o direito de preservar suas culturas e contar suas próprias histórias, tentando pôr fim aos estereótipos ligados a eles, o que refletiu na literatura: “Because the 1960s and 1970s brought Indian voices into the public debate over Indian lands and resources, the literature from this period is often more politically charged than the work created after 1980” (HILL, 2001, p. 31). Já em 2001 Roberta Hill observou que a literatura indígena norte-americana vinha crescendo desde os anos 1960 e se estabelecendo como uma área do discurso, com o crescimento da publicação de escritoras e escritores indígenas e da divulgação de suas obras em revistas acadêmicas. N. Scott Momaday (1934–), um desses autores, foi considerado “the first popular, contemporary literary voice” (HILL, 2001), com a publicação do romance *House Made of Dawn* em 1969. Foi o primeiro escritor indígena a ganhar o Prêmio Pulitzer, no mesmo ano. Chama-se esse período de *Native American Renaissance*, que se estende até hoje, com autores como Janet Campbell Hale, Leslie Mormon Silko, autora de *Ceremony* (1977), Paula Gunn Allen, de *A Cannon Between My Knees* (1981), James Welch, de *Winter in the Blood* (1974), entre outros.

2 ANOTAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO

Li *The Jailing of Cecelia Capture* pelo Kindle, porque não encontrei o livro físico no Brasil. Meu primeiro projeto com ele, lá na cadeira de estágio I, foi traduzir o primeiro capítulo inteiro, mas sem registrar o processo de tradução. Na época, usei uma ferramenta chamada Matecat, que usava e uso no meu dia a dia de trabalho, mas com textos não ficcionais. A principal função do Matecat é armazenar uma memória de tradução para projetos longos ou repetitivos, registrando as minhas soluções para mostrá-las quando o mesmo termo ou trecho aparece de novo, como uma forma de padronizar o texto. Embora para a tradução de um romance esse recurso não seja muito útil, porque nem sempre a intenção é padronizar, utilizei-o para organizar meu tempo e o desenvolvimento da tradução, já que ele mostra o percentual que vai sendo traduzido (Figura 2).

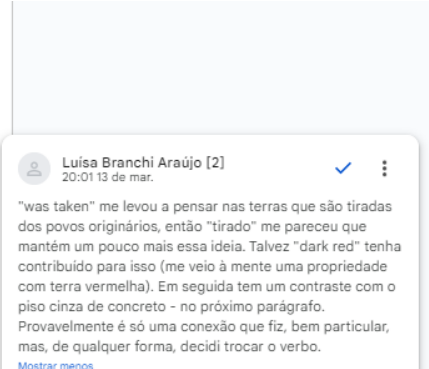
Figura 2 — Interface do Matecat com o primeiro projeto traduzido no estágio I.



Fonte: da autora.

Já para este trabalho, como me propus a revisar o que eu já tinha traduzido, além de traduzir novos trechos e comentar todo esse processo, não vi utilidade para o Matecat. Para este trabalho, revisei minha primeira versão no Word e, ao mesmo tempo em que fazia pesquisas para resolver escolhas com que não estava satisfeita, fui deixando notas em balões de comentários (Figura 3). Separei as mudanças que me pareceram mais relevantes para analisar e passei os trechos e as notas para este arquivo, usando Quadros com três colunas: texto original, primeira versão da tradução e segunda versão da tradução.

Figura 3 — Comentários importados do Word.

<p>unwilling flesh. She felt violated. She watched the tube attached to the syringe fill with her life's blood, deep, dark red. Her very blood was taken without her permission.</p> <p>Except for the grey concrete floor, the holding tank was painted yellow. It contained a sink and a commode. Long,</p>	<p>violada. Observou o tubo preso à seringa encher com o sangue de sua vida, profundo, vermelho escuro. Seu próprio sangue levado sem sua permissão.</p> <p>Com exceção do piso de concreto cinza, o centro de detenção era todo pintado de amarelo. Havia uma pia e um vaso sanitário.</p>	<p>violada. Observou o tubo preso à seringa encher com o sangue do seu corpo, profundo, vermelho-escuro. Seu próprio sangue tirado sem sua permissão.</p> <p>Com exceção do piso de concreto cinza, a sala de detenção provisória era toda pintada de amarelo. Havia uma pia e um</p>	
---	---	---	--

Fonte: da autora.

Durante uma segunda leitura do romance, tinha marcado no Kindle vários termos, expressões e trechos que me chamavam a atenção como tradutora e inserido notas com algumas conexões que fazia e algumas ideias. Acabei selecionando, dessa primeira seleção, situações que evidenciam traços culturais, das culturas indígenas e não indígenas; o estilo da Janet Campbell Hale; particularidades do inglês; marcas de oralidade na escrita; entre outras. Separei essas situações em categorias, como “personagens históricos”, “referências a músicas”, “expressões”, etc., porque achei que ajudaria na organização e facilitaria a leitura de quem estivesse lendo. Mas, por sugestão do meu orientador e por concordar com ele que em um mesmo trecho poderia haver vários pontos importantes que seriam de categorias diferentes, mudei o modo de apresentação.

Finalmente, nas próximas páginas, está minha análise descrita de um modo mais próximo de como ela foi realmente feita, conforme ia lendo o romance e fazendo associações. Os trechos que aparecem em Quadros com as três colunas são, portanto, os que eu já tinha traduzido e, depois, revisei. Os que aparecem em Quadros com duas colunas são os que selecionei desta vez e estou traduzindo pela primeira vez.

O narrador começa contando que, antes de Cecelia estar na prisão de Berkeley, ela estava na delegacia. A primeira coisa que me chamou atenção quando comecei a revisar minha tradução anterior foram os tempos verbais. A primeira vez que traduzi o segundo parágrafo do Quadro 1, por exemplo, usei o passado simples (passaram-se), mas percebi que talvez ele não refletiria onde o narrador está localizado na linha do tempo da narrativa.

Quadro 1 — Primeiro trecho

Original	Primeira tradução	Tradução revisada
----------	-------------------	-------------------

<p>No watch. Nobody in the holding tank had one, since all their belongings had been taken away as part of the booking procedure. No clock. No window.</p>	<p>Sem relógio. Ninguém no centro de detenção tinha um, já que todos os pertences havam sido levados no momento do registro. Sem relógio. Sem janela.</p>	<p>Sem relógio. Ninguém na sala de detenção provisória tinha um, já que levaram todos os pertences no momento do registro. Sem relógio. Sem janela.</p>
<p>Three or maybe four hours had passed since Cecelia Capture Welles's arrest. Or was it really only an hour or so? It was hard to say because she had been very drunk at the time and she was still not quite sober and was grateful that she wasn't. Being a little drunk took the rough edges off reality. Almost always.</p>	<p>Passaram-se três ou quatro horas desde a prisão de Cecelia Capture Welles. Ou teria sido apenas uma hora? Era difícil dizer, porque ela estava muito bêbada quando aconteceu e ainda não se sentia totalmente sóbria e achou melhor que não estivesse. Estar um pouco bêbada ajudava a suportar os golpes da realidade. Quase sempre.</p>	<p>Três ou quatro horas tinham passado desde a detenção de Cecelia Capture Welles. Ou teria sido na verdade apenas uma hora? Era difícil dizer, porque ela estava muito bêbada quando aconteceu, não se sentia totalmente sóbria ainda e achou melhor mesmo que não estivesse. Estar um pouco bêbada ajudava a deixar a realidade mais suportável. Quase sempre.</p>
<p>There was time enough to have been transported to the Berkeley jail, hands manacled behind her back.</p>	<p>Passou tempo suficiente para que ela pudesse ser transportada até a prisão de Berkeley, mãos algemadas nas costas.</p>	<p>O tempo foi suficiente para que ela fosse levada até a prisão de Berkeley, mãos algemadas nas costas.</p>

Fonte: da autora.

O uso de “*had been taken away*” para abrir a história me leva a acreditar que o narrador está em algum ponto no futuro (considerando que a referência temporal seria o tempo em que Cecelia está na prisão de Berkeley) e vai nos contar coisas que aconteceram com Cecelia antes, durante e depois desse momento de referência. Onipresente, ele nos mostra o tempo da personagem na prisão e volta a diferentes fases da vida dela. Então, primeiro mudei o “passaram-se” para “havam se passado”. Depois, como sugestão do meu orientador, mudei para “tinham passado”, deixei a ordem da frase como estava no inglês, troquei o “havia” pelo “tinham”, mais condizente com a voz do narrador, e tirei o pronome reflexivo “se”: “Três ou quatro horas tinham passado”.

Tive dificuldade para deixar as frases fluidas, manter o ritmo e manter a escolha da autora pelos tempos verbais. Além disso, tentei evitar que o texto ficasse carregado de “havia” ou “tinha” para formar o passado composto. Por isso, tentei equilibrar com o passado simples, quando possível, quando, mesmo com o passado simples, ficava evidente que um

acontecimento foi antes do outro. No primeiro parágrafo do Quadro 1, por exemplo, que abre o romance, fiz isso. Nesse exemplo, além disso, “no momento do registro” ajuda a mostrar que “levaram todos os pertences” está num passado anterior. Além disso, mudei “havia sido levados” para “levaram” porque, no português brasileiro, temos o sujeito indeterminado para ocultar quem fez a ação (nesse caso, de levar os pertences); o inglês precisa da voz passiva para isso.

O termo “*booking procedure*” foi traduzido como “registro” nas duas vezes. Na segunda tradução, cogitei o uso de “fichar”, porque parece muito comum que, no Brasil, usemos esse termo no contexto de uma delegacia, como “A polícia fichou o rapaz sem necessidade” (FICHAR, s.d., documento *online*) ou “[...] ele foi algemado pela polícia e conduzido até a delegacia, onde não foi fichado por nenhum crime” (MAGALHÃES, 2023, documento *online*) (e também com a ideia de ter “passagem pela polícia”). Porém, teria que fazer algumas alterações na frase, porque a classe das palavras mudaria, de um substantivo (*booking procedure*) para um verbo (fichar); algo como “levaram todos os pertences quando ficharam as pessoas”, o que não me pareceu soar bem nessa frase específica, por causa da adição de “pessoas”. A forma substantivada, “fichamento”, já remete a outro significado, a anotações de estudo, então também não funcionaria. Depois de tudo isso, decidi ficar com a minha primeira opção, “registro”, porque também é usada no sentido de “Documento feito por um escrivão do juízo de direito de cada comarca, que tem por finalidade assentar os precedentes criminais do indivíduo processado” (REGISTRO, s.d., documento *online*) ou “Certificado passado pelo escrivão competente em face do registro criminal; folha corrida” (REGISTRO, s.d., documento *online*). A tempo: usei “no momento do registro” no lugar de “*as part of the booking procedure*”, porque “levaram todos os pertences como parte do registro” não pareceu funcionar.

Como mencionei antes, a personagem está na “*Berkeley jail*” e antes esteve em um “*holding tank*”. Ao longo do livro, Hale emprega diferentes termos para se referir ao local em que Cecelia está presa. Além desses dois, menciona também “*prison*” e “*jailhouse*” e outros termos relacionados, como “*jailing*” e “*capture*”. Embora alguns deles sejam usados como sinônimos fora de áreas especializadas, às vezes é importante diferenciá-los, principalmente para o romance que está sendo analisado. A discussão desse vocabulário é evidentemente importante, porque remete ao local onde a personagem está na maior parte da história, à sua condição de estar detida, ao fato de ser uma estudante de direito — e, portanto, dominar os termos especializados —, ao título do livro e ao sobrenome dela.

Cecelia foi levada primeiro a um “*holding tank*”, que é onde a pessoa pega dirigindo alcoolizada ou sob o uso de outras drogas ilegais é encaminhada, para que se recupere e não

cause danos a si mesma e a outras pessoas, por exemplo. É usado metaforicamente nesse caso, portanto, e não achei nada em português que poderia dar essa ideia. Da primeira vez que vi esse significado, me lembrei da expressão “encher o tanque” quando usada para dizer “beber muito”, mas, apesar de ter confirmado com alguns amigos que a expressão é usada dessa forma, não encontrei nada na internet que indicasse esse uso, o que me leva a achar que talvez seja comum apenas em certos nichos ou regiões.

Encontrei outras designações que parecem ser usadas também, como “*sobering cell*”, ou “*sobering center*” (SAN DIEGO, 2022). Possíveis traduções mais literais surgiram em algumas pesquisas que fiz, como “sala de contenção” (MARQUES, 2015), “cela de contenção” (SCHÄFER, 2022) e “sala de detenção provisória” (BRANDT; MACEDO, 2019). O primeiro, porém, apareceu em pouquíssimos casos com o sentido que eu estava buscando — é usado também no contexto da saúde (em hospitais), da biologia (CULTIVO NB-3, s.d.) e da física, por exemplo. Encontrei poucas ocorrências do segundo e do terceiro. Há também os centros de detenção provisória (SÃO PAULO, 2001), mas parecem ser locais com capacidade de abrigar mais pessoas, em relação ao “*holding tank*”. Cogitei, também, “delegacia”, “cadeia”, “cela de triagem” (mas esta parece ser um local já dentro da penitenciária (MÉDICO..., 2010). Encontrei esta definição:

[...] cadeia é o local onde o acusado é colocado quando preso em flagrante delito, ou para averiguações. Presídio é o local onde o acusado cumpre a sua pena provisória, até o trânsito em julgado da sentença. Penitenciária é o local onde o condenado cumpre a sua sentença definitiva. No entanto, devido à superlotação carcerária, nem sempre essa classificação é obedecida, podendo encontrar-se condenados definitivos cumprindo suas sentenças em cadeias ou presídios e acusados provisórios cumprindo penas em penitenciárias (DUTRA, 2008).

As possibilidades de termos pareciam infinitas, assim como a pesquisa que eu estava fazendo para decidir o que caberia melhor. Nada parecia corresponder exatamente ao que “*holding tank*” se refere. Em muitos desses momentos de dúvidas, penso em como a ajuda de outros tradutores — também de pessoas de outras áreas e dos falantes em geral das línguas envolvidas — não só é muito enriquecedora para a tradução, mas também é muito necessária, muitas vezes, tanto para discutir e tomar decisões, conhecendo outros pontos de vista, quanto para saber o momento em que a pesquisa deve parar. Nesse e em outros casos, a conversa com meu orientador e com dois amigos também tradutores, me levou a decidir por “sala de detenção provisória”, que remete a um local de estadia temporária. Pode ser que esse termo não seja usado exatamente dessa forma no Brasil, mas, se estamos falando de algo que acontece na

Califórnia, talvez isso não seja um problema tão grande, já que há diferentes unidades prisionais pelo mundo.

A “*Berkeley jail*” abriga quem está entre a prisão e o julgamento (BERKELEY CITY JAIL, s.d., tradução minha) e cometeu pequenos crimes (MERRIAM-WEBSTER, 2021). A personagem conhece o procedimento de quando alguém é preso por esse motivo: em ambos os locais, a pessoa não permanece muito tempo sob custódia, apenas tempo suficiente para ser fichada e pagar a pensão se for o caso. Por isso, começa a estranhar o motivo de ainda não a terem soltado. Por também ter essa qualidade de ser provisória, a *Berkeley jail* parece estar mais alinhada a uma prisão, não a um presídio ou uma penitenciária, que “destina-se ao condenado à pena de reclusão, em regime fechado” (BRASIL, 1984, Art. 87, documento *online*).

No capítulo 2 da história, ficamos sabendo que “Eagle” deveria fazer parte do sobrenome da Cecelia. O avô dela, na juventude, chamava-se Will Eagle Capture, porque era muito habilidoso em caçar águias, cujas penas eram usadas em cerimônias religiosas tradicionais. Mas, quando foi lutar na Primeira Guerra, passou a usar apenas “Capture”:

“Did your grandfather have braids, Mom, and did he wear eagle feathers in his hair? Was he a real Indian?”

[...]

“I don’t think he wore braids and feathers, Nicole. Or maybe he did at one time, when he got older. I saw an old photograph of him once, and he had short hair and wore a big black Stetson hat and was dressed just like a white guy of his day, except for the buckskin moccasins and leggings. He was a real Indian Indian, though.”

“What was his name?”

“His name was Eagle Capture. He was named that because when he was young he was very, very good at snaring wild eagles for their feathers. My dad’s last name was Eagle Capture, too, until he joined the army during the World War I, and then he and his brother both changed their names and they became just ‘Capture’.”

“How come? Didn’t he like Eagle Capture?”

“I guess not, honey.”

“I wouldn’t change my name.”

“I don’t think I would either, but who knows what it was like then? We can only imagine.”

Tirando o “Eagle” do nome é como se Will deixasse de ser quem tem uma boa habilidade de caçar para ser quem é caçado (FURLAN, 2010). Para traduzir para o português, poderíamos ir por este caminho: “Will Eagle Capture” seria “Will Caçador de Águias” (capturador ficaria pior ainda, porque não parece se referir à qualidade de uma pessoa, mas sim ao nome de um aparelho eletrônico) e, depois, apagando uma parte do sobrenome, ele se tornaria “Will Caçado”. Por consequência, o nome da protagonista seria “Cecelia Caçada”, e o título do livro, “A prisão de Cecelia Caçada”. Outra opção seria “Will Caça-Águia”, que se tornaria “Will Caça”, o que levaria a “Cecelia Caça”. Com certeza há outros caminhos para

pensar em outras possibilidades, mas decidi por manter o sobrenome em inglês, porque sobrenomes carregam história e identidade. Apagando o sobrenome, eu apagaria um pouco dessa história e dessa identidade.

Também no âmbito das expressões, mas desta vez de uma expressão metafórica, “*the rough edges off reality*” foi modificada algumas vezes. Da primeira vez, traduzi como “suportar os golpes da realidade”, mas, da segunda vez, achei que “golpes da realidade” era muito literal. E não havia a necessidade de manter essa parte na frase, porque não ocorreria perda de algum traço cultural. Traduzi, então, como “suportar a realidade”, mas, depois de uma sugestão do meu orientador, mudei para “tornar a realidade mais suportável”, mantendo a ideia da mudança de realidade que há na expressão em inglês.

Fiz uma adição na tradução de “*she was still not quite sober and was grateful that she wasn't*”. Acrescentei “mesmo”, porque parece ter deixado a frase mais natural em português: “e achou melhor mesmo que não estivesse”. Na primeira versão parecia estar faltando alguma coisa, como se não conseguisse ouvir a voz de Cecelia, que, depois, pareceu mais autêntica na segunda versão.

Finalizando as observações sobre o trecho do Quadro 1, a frase “*It was hard to say because she had been very drunk at the time and she was still not quite sober and was grateful that she wasn't.*” foi uma das ocorrências do livro que me fez pensar no ritmo que a autora adota, repetindo a conjunção “*and*”, em momentos, como esse, em que Cecelia demonstra um desapontamento com a situação, como se essa repetição enfatizasse uma situação cansativa ou de aborrecimento. Isso acontece mais algumas vezes (Quadros 2 e 3). Mantive esse traço estilístico em português.

Quadro 2 — Segundo trecho

Original	Primeira tradução	Tradução revisada
The skin around her wrists was red, and her wrists themselves felt as if they had been bruised , but no bruises were apparent . They would probably show up later, she thought, all blue and purple and ugly .	A pele ao redor dos seus pulsos estava vermelha, e os seus pulsos pareciam ter sido machucados , mas não havia ferimentos aparentes . Provavelmente apareceriam depois, pensou, tudo azul e roxo e feio.	A pele ao redor dos seus pulsos estava vermelha, e, aliás, os pulsos pareciam machucados , mas não havia hematomas . Provavelmente apareceriam depois, pensou, tudo azul e roxo e feio .

Fonte: da autora.

Na primeira frase do Quadro 2, a autora repete “*her wrists*” e acrescenta “*themselves*”. Minha primeira impressão lendo a frase em inglês foi que a narradora está repetindo para, de certa forma, se corrigir (de que não era só isso) e acrescentar uma informação. Ela diz que “a pele ao redor dos seus pulsos estava vermelha” e é como se dissesse “**e, aliás** os pulsos pareciam machucados”. Como o narrador está muito próximo de Cecelia, como ele muitas vezes se mescla com ela, pode ser que ele tenha repetido “*her wrists*” e acrescentado “*themselves*” porque, junto com Cecelia, primeiro viu que a pele ao redor dos pulsos estava vermelha e depois se deu conta de que, na verdade, parecia também que os pulsos estavam machucados. Da primeira vez, “A pele ao redor dos seus pulsos estava vermelha, e os seus pulsos pareciam ter sido machucados”, não parece dar a mesma ideia que expliquei neste parágrafo, além de a frase ter ficado estranha com a repetição. Da segunda vez, decidi por “A pele ao redor dos seus pulsos estava vermelha, e ela sentia que eles estavam machucados”, embora não tenha ficado satisfeita com o ritmo da frase, por conta de ter “ele” e “ela” tão próximos, nem tenha ficado satisfeita por perder ideia de “repetir para acrescentar uma informação”. Preciso confessar que eu até tinha pensado nessas possibilidades na primeira e na segunda vez que traduzi, mas não com tantos detalhes e não tinha encontrado uma solução. Enquanto escrevia este comentário tentando explicar a minha escolha, acabei pensando em “A pele ao redor dos seus pulsos estava vermelha, e, aliás, os pulsos pareciam machucados”. Mesmo que tenha mudado um pouco o ritmo pelo acréscimo das duas vírgulas em “aliás”, acabei aceitando essa última como uma possível solução, por sentir que ela chega mais próximo do efeito da frase em inglês.

Por fim, a continuação da frase do parágrafo anterior também foi modificada: “não havia ferimentos aparentes” foi para “não havia sinal de hematomas”, por sugestão do meu orientador. A mudança faz sentido, porque, mais para frente, Cecelia infere que surgiriam azulados depois, o que parece ser o aspecto de um hematoma, não de um ferimento. Além disso, “hematoma” possivelmente demonstra a maneira de Cecelia observar e descrever as cenas como a estudante de direito que é, como se estivesse tomando notas para apresentar as evidências em um tribunal.

No Quadro 3, aparece um personagem: Geronimo. Não sabia, a princípio, se ele era alguém que realmente existiu ou se tinha sido criado pela autora. Mas não foi difícil encontrar informações.

Quadro 3 — Terceiro trecho

Original	Tradução
Her mother nagged her about even this	A mãe de Cecelia implicava até com o

length: “ Long and straight and stringy. Why don't you get it cut and put in a good perm? You look just like some old witch. You look like Geronimo.”	comprimento do cabelo dela: — Longo e reto e sem graça. Por que você não corta e faz um permanente? Parece uma bruxa velha. Você parece o Geronimo.
--	---

Fonte: da autora.

Geronimo (1829–1850) foi um guerreiro Chiricahua Apache que lutou defendendo as terras dos povos nativos da América do Norte (BIOGRAPHY.COM EDITORS, 2021). Mary Theresa, mãe da Cecelia, tinha um preconceito internalizado contra qualquer coisa relacionada aos povos nativos, um preconceito que vinha de berço, embora ela mesma tivesse também ascendência indígena, além de irlandesa. Além disso, Mary Theresa tratava a filha de um jeito problemático. Dirigia insultos a ela em qualquer oportunidade, muitas vezes usando a ascendência indígena como forma de rebaixá-la, como acontece nesse exemplo em que está comparando o cabelo de Cecelia com o de Geronimo. Como essa comparação ajuda a entender tanto o preconceito de Mary Theresa quanto a relação com a filha, é importante manter a figura de Geronimo na tradução, mesmo que talvez não seja tão conhecida no Brasil. Até porque, além disso, a referência a ele ajuda a construir o cenário da narrativa e a identidade das duas personagens. Optaria por inserir uma nota explicando quem ele era.

Nos Quadros 4 e 5, separei dois trechos em que o narrador fala sobre a mãe da Cecelia que também ajudam a construir sua identidade e que contêm exemplos importantes para discutir a tradução.

Quadro 4 — Quarto trecho

Original	Tradução
Her mother was a light-skinned, green-eyed half-breed who didn't show her Indian blood at all.	A mãe era uma mestiça de pele clara e olhos verdes, que não aparentava nada seu sangue indígena.

Fonte: da autora.

A família da mãe de Mary Theresa era indígena, mas não é mencionado de qual povo, o que, de certa forma, pode estar ligado ao fato de que Mary Theresa não reconhecia suas raízes. Ela fala com muito orgulho dos seus ancestrais irlandeses, da parte do pai (do vô de Cecelia), de uma forma bastante romantizada pela nostalgia. Era uma mulher que visivelmente não tinha

um senso de pertencimento em nenhum dos lugares em que viveu, mas que idealizava sempre uma vida fora dos lugares onde estava, independentemente de qual fosse. Mary Theresa sentia a tristeza no corpo, com problemas de saúde como artrite, e expressava essa tristeza verbalmente para Cecelia. Normalmente, às memórias da mãe — seu “*Irish talk*”, como diz Cecelia — se seguia um discurso preconceituoso e violento contra os indígenas, que era sempre lançado contra um outro (a filha e o marido), como uma forma de se diferenciar, nunca reconhecendo a sua própria descendência.

O narrador usa a palavra “*half-breed*” (Quadro 4) para descrever a mãe da Cecelia, com intuito de falar das suas origens e do seu aspecto físico. “*Half-breed*” é uma pessoa com descendência de uma ou mais etnias diferentes, mas nos Estados Unidos é uma forma preconceituosa de se referir a pessoas de pais europeus e indígenas, porque “*breed*” está relacionado à linhagem de animais (HALF-BREED, 2017). Uma opção de tradução seria “mestiço”, que, no Brasil, designa, teoricamente, pessoas com descendência de uma ou mais etnias, como brancos e negros, asiáticos e brancos, indígenas e negros, mas que, na verdade, acaba se referindo, de forma pejorativa, apenas a pessoas que aparentam essa mistura de etnias. Está, também, relacionado à linhagem de animais, como “gado mestiço” (IBGE, 2023), não só de seres humanos. Esse conceito de “mestiçagem” parece ser problemático não só no Brasil, por supor um “povo puro”:

Síntese do dominante e do dominado, do civilizado e do selvagem, do branco e do pele-vermelha, do conquistador e do conquistado. [...] Em princípio misturou-se o que não estava misturado: corpos puros, cores fundamentais, quer dizer, elementos homogêneos, isentos de qualquer “contaminação”. Percebida como passagem do homogêneo ao heterogêneo, do singular ao plural, da ordem à desordem, a ideia de mistura/hibridação/mestiçagem compreende conotações e apriorismos ambíguos, dos quais se deve desconfiar, pois pressupõem a existência de grupos humanos puros, fisicamente distintos e separados por fronteiras que a mistura dos corpos viria pulverizar (LAROCHE, 1993, p. 83).

Em *Meridiano de sangue* (MCCARTHY, 2020), tradução de *Blood Meridian* (MCCARTHY, 1992), de Cormac McCarthy, em certo momento o narrador menciona um “*Mexican or halfbreed boy*”, de mais ou menos 12 anos, que Glanton vê agachado na esquina, quase nu, usando sandálias. O tradutor traduz “*halfbreed*” como “mestiço”, que, não só nesse livro, mas também no de Hale, é confundido com uma pessoa de origem mexicana, muito provavelmente pela cor da pele. Muitas vezes as pessoas achavam que Cecelia era mexicana, e ela usava isso a favor dela em certos momentos, se fazendo passar propositalmente como mexicana. Neste trecho, Velma está descrevendo como enxerga Cecelia, mas, na verdade, parece ser a visão de Cecelia sobre a maneira que ela acha que Velma a enxerga, o que

demonstra que é uma maneira que ela está acostumada a lidar: “Twenty-seven, she would guess, or twenty-eight or thereabouts; hard to tell. Dark skinned. Not very dark, but dark enough to show she wasn’t white. Mexican, more than likely. Orientals and Mexicans, it seemed, held their ages differently than white people”.

No Quadro 5, Cecelia está desabafando sobre sentir que não é parte da família irlandesa da mãe, que demonstra tanto preconceito com a descendência indígena da filha (e dela própria). Ela chama a família da mãe de “*white trash*”.

Quadro 5 — Quinto trecho

Original	Tradução
Her mother's people. White trash. She was surprised that the term leapt so readily into her mind.	O tipo de gente da sua mãe. Ralé branca. Ela ficou surpresa com a rapidez que se lembrou do termo.

Fonte: da autora.

“*White trash*” é uma expressão que vem da época do sistema de exploração colonial nas propriedades rurais no sul dos Estados Unidos, no século XIX, mas que ainda é usada para se referir a pessoas brancas marginalizadas. Como, historicamente, um alto *status* social estava relacionado a possuir propriedades, as pessoas que não possuíam e trabalhavam para os grandes proprietários de terras não faziam parte da sociedade econômica e cultural. Era como separar as pessoas realmente brancas (por terem posses) dos trabalhadores pobres, que eram o *white trash*. O termo também pode estar relacionado a um tempo um pouco mais antigo, no início da colonização britânica nos Estados Unidos, quando se decidiu explorar a mão de obra das pessoas mais pobres para habitar o “novo mundo”, uma terra até então desconhecida e considerada selvagem — um lugar ideal para “jogar a parte suja da sociedade” (PBS, 2016; MTV IMPACT, 2018). Hoje a expressão é ainda usada como forma de segregação de classe, tendo uma acepção pejorativa, direcionada a pessoas brancas que vivem às margens da sociedade, como a mãe da Cecelia, descendente de uma família irlandesa branca e pobre. Não há em português uma expressão que contemple esse sentido histórico, sentido de baixa classe socioeconômica, como “brancos pobres”, “ralé branca” e “gentalha branca” foram opções que me passaram pela cabeça também. “Ralé” transmite a ideia classista e pejorativa; por isso optei por esse termo. Porém, penso na possibilidade de adicionar uma nota à tradução informando qual é a expressão em inglês e explicando a origem histórica.

No Quadro 6, Hale usa a expressão “to Mutt-and-Jeff”, que designa uma técnica de interrogatório da polícia, como ela mesma explica. Mutt e Jeff são personagens dos quadrinhos de Bud Fischer, famosos nos anos 1900 principalmente, quando surgiram. Por serem figuras totalmente opostas tanto em aparência quanto em personalidade, simbolizam, nos Estados Unidos, duas pessoas de características muito diferentes uma da outra. Por exemplo, quando uma pessoa é muito brava, e a outra, muito calma, diz-se que elas são como “Mutt *and* Jeff”.

Quadro 6 — Sexto trecho

Original	Primeira tradução	Tradução revisada
<p>She was fingerprinted and given a breathalyzer. The machine was not working right, and the policeman who was trying to administer the test was angry and frustrated. He kept accusing her of not cooperating. His partner came in every few minutes and, speaking in soft, kind, intimate tones, told Cecelia she had better watch out. This other one was mean, he would say, and she had better cooperate or they would have to take a blood sample.</p> <p>Cecelia told them to stop Mutt-and-Jeffing her. (She had learned about that police method in her criminal law class back in her first year of law school.)</p>	<p>Registraram sua impressão digital e fizeram o teste do bafômetro. O aparelho não funcionava direito, e o policial que tentava aplicar o teste parecia irritado e sem paciência. Continuou dizendo que ela não estava cooperando. De tempos em tempos, outro policial vinha e, em tom suave e gentil, dizia a Cecelia que era melhor ficar atenta. O outro era durão, ele dizia, e era melhor ela cooperar ou eles teriam que retirar uma amostra de sangue.</p> <p>Cecelia falou que parassem de brincar de Mutt e Jeff com ela. (Aprendeu sobre esse método em uma aula de direito criminal no primeiro ano da faculdade de direito.)</p>	<p>Registraram sua impressão digital e fizeram o teste do bafômetro. O aparelho não funcionava direito, e o policial que tentava aplicar o teste parecia irritado e sem paciência. Ficava acusando ela de não cooperar. De tempos em tempos, outro policial aparecia e, em tom brando e gentil, como se fossem amigos, dizia a Cecelia que era melhor tomar cuidado. O outro era durão, ele dizia, e era melhor ela cooperar, se não eles teriam que retirar uma amostra de sangue.</p> <p>Cecelia falou que parassem de bancar Mutt e Jeff com ela. (Tinha aprendido sobre esse método em uma aula de direito criminal no primeiro ano da faculdade de direito.)</p>

Fonte: da autora.

A técnica tem o mesmo significado de “*good cop, bad cop*”: ao entrevistar uma pessoa, um dos policiais age de forma amigável, paciente e compreensiva, e outro é mais duro. O objetivo é ganhar a confiança do interrogado e fazê-lo confessar o crime ou, como no caso de Cecelia, cooperar com a polícia (CROWLEY, 2008; MAGID, s.d.). Encontrei essa expressão com o mesmo sentido numa história publicada no *San Diego Reader* (MITCHELL; ROBINSON, 1992, documento *online*):

So they put me in another car and right away started Mutt-and-Jeffing me. Good cop/bad cop, you know. I believe they took me down to the sheriffs substation in Encinitas [...]

They kept on Mutt-and-Jeffing me. The Feds were being real nice to me, like, “We think you’re responsible for some other bank robberies. We think you were at that bank once before.” I knew enough to stick to the story that I hadn’t done it. Kind of tough to, though, after telling them, “Thank you for finally busting me” in the car.

They said, “We know you did one, and the other one we got a picture of you wearing the same shit. Why don’t we just clear everything up right now? Tell us about all the bank robberies you’ve ever done.” [...]

O *The Free Dictionary* (JEFFING, s.d.) registra: “dated. slang. A method of police interrogation in which one of two interrogators behaves in an overtly aggressive and accusatory with a suspect, while the other acts much more supportive and sympathetic. More commonly known as ‘good cop/bad cop.’”. E dá como exemplo a seguinte frase: “How do you want to interrogate the suspect? Will we give him a bit of the ol’ Mutt and Jeff routine?”. Por ser uma expressão que se refere a personagens específicos e que carrega um sentido cultural, ajudando a mostrar quem é Cecelia no mundo, decidi mantê-la, mesmo que não seja conhecida no Brasil, e inserir uma nota explicativa na tradução. Apenas reestruturei a frase, já que transformar nomes próprios em ação (como é comum na língua inglesa) não funcionaria no português brasileiro. Além disso, os parágrafos que vêm antes e depois da menção aos personagens de Bud Fisher ajudam a entender o que ela quis dizer com a expressão. Ela diz que um dos policiais estava irritado e sem paciência, enquanto o outro “came in every few minutes and, speaking in soft, kind, intimate tones, told Cecelia she had better watch out.”. Para resolver “*intimate tones*”, que não seria nada natural no português, optei por “como se fossem amigos”.

Enquanto conta sobre as diferentes fases da vida de Cecelia, o narrador também mostra memórias de outros personagens, como o pai e a mãe, por meio dos diálogos, que Cecelia relembra, sendo, portanto, filtrados pela memória dela. Um exemplo é o trecho do Quadro 7, em que a mãe está contando a ela sobre a vida que levava na Irlanda antes de se mudar para os Estados Unidos:

Quadro 7 — Sétimo trecho

Original	Tradução
<p>“Then Grandpa Harrigan was caught butchering a hog, his own hog, mind you, which he was required to pay a tax on, and since he had tried to get away with not paying the hog-butchering tax, then he would have to pay a fine.</p>	<p>— Então Vovô Harrigan foi pego abatendo um porco, um porco que era dele, entende, mas ele precisava pagar um imposto por esse porco e, como tentou escapar de pagar o imposto pelo abate do porco, então teve que pagar uma multa.</p>

Fonte: da autora.

Nesse caso, são memórias da mãe a que Cecelia tem acesso porque a mãe contou a ela. Tudo isso está voltando à memória de Cecelia enquanto ela está presa (acontece na cabeça dela), embora não seja um fluxo de consciência nem um monólogo interior nem uma narração em

primeira pessoa, mas uma narrativa em que o narrador tem acesso aos processos mentais da personagem.

Outros diálogos aparecem na história, e a conversa especialmente com uma personagem exigiu atenção. O Quadro 8 mostra alguns exemplos. Enquanto está na cadeia, Cecelia divide a cela com duas mulheres, Velma e Ethel. As falas das duas são marcadas na escrita com um inglês não padrão, que ajuda a formar uma imagem das personagens — junto com a descrição das suas roupas, aparência, comportamento —, dando pistas sobre a classe social em que estão inseridas, o grau de escolaridade delas, etc. Velma é uma mulher branca, prostituta, presumivelmente pobre. Ethel é uma mulher negra (não sabemos por que ela está presa). Ambas estão em São Francisco, Califórnia. Cecelia é uma mulher de “Pele escura. Não muito escura, mas escura o suficiente para notar que ela não era branca. Mexicana, muito provavelmente.”, estudante de direito, casada, bem-vestida.

Quadro 8 — Oitavo trecho

Original	Primeira tradução	Tradução revisada
"Hey, girl, what you starin' at?" Velma asked in a loud, hostile voice. "Nothing," Cecelia said. "I'm not staring."	“Ô, guria, que tá olhando?” Velma perguntou num tom de voz alto e hostil. “Nada”, Cecelia disse. “Não estou olhando”.	— Ô, guria , que que tá olhando?, Velma perguntou num tom de voz alto e hostil. — Nada, Cecelia disse. Não tô olhando.
[...]	[...]	[...]
"Drunk drivin'," Velma said self-righteously, "is worse than peddlin' your ass. Drunk drivin' kills and cripples. Damages property. Fuckin' never hurt nobody."	“Dirigir bêbada”, Velma disse decidida, “pior que dar a bunda por grana. Dirigir bêbada mata e deixa as pessoa aleijada. Estraga as coisa. Foder nunca machucou ninguém não”.	— Dirigir bêbada, Velma disse convicta, pior que dar a bunda por grana. Mata e machuca as pessoas. Estraga as coisas dos outros. Foder nunca feriu ninguém não.
[...]	[...]	[...]
"Did you call Hubby yet?" Velma asked in a mocking tone.	“Já ligou pro Maridinho?” Velma perguntou com tom irônico.	— Já ligou pro Maridinho?, Velma perguntou de um jeito irônico.
[...]	[...]	[...]
"You gonna call him?" "No. I'm not going to call him."	“Vai ligar pra ele?” “Não. Eu não vou ligar para ele”.	— Vai ligar pra ele? — Não. Eu não vou ligar pra ele.

<p>[...]</p> <p>"The only difference between a married woman and a whore," Velma told Cecelia, "is that they fuck just one dude and get paid a lot less. Then they walk around looking down their noses and thinking they're so good."</p>	<p>[...]</p> <p>“A única diferença entre uma mulher casada e uma prostituta”, Velma disse a Cecelia, “é que elas fode com um cara só e recebe muito menos. Daí andam por aí com os nariz empinado, achando que são as melhor”.</p>	<p>[...]</p> <p>— A única diferença entre uma mulher casada e uma prostituta, Velma disse a Cecelia, é que elas fodem com um cara só e recebem muito menos. Daí andam por aí com o nariz empinado, achando que são as melhor.</p>
--	--	---

Fonte: da autora.

As marcas de oralidade na escrita (“*what you staring’ at?*”), o vocabulário (“*The hell!*”) e o tom das falas parecem ajudar a construir as personagens e evidenciar a distância social entre elas, Velma e Ethel (as próprias personagens têm consciência disso). Na primeira versão da minha tradução, minha preocupação foi tentar reproduzir essas marcas em português, mas estava muito centrada em utilizar recursos de modo padronizado. Mas não poderíamos dizer que a fala da Cecelia também é registrada com marcas de oralidade no livro? A autora usa a contração do verbo auxiliar tanto nos diálogos quanto na narrativa. Fiquei pensando se isso não ajudaria a deixar mais evidente a proximidade do narrador com a Cecelia e, para manter isso, poderia contrair, por exemplo, “estou” em “tô” e “para” em “pra”. O inglês, porém, não parece fazer uma distinção tão grande entre a fala e a escrita, como ficaria muito evidente em português se eu usasse essas contrações na narrativa toda (não só nos diálogos, mas na voz do narrador).

Para a segunda versão, meu orientador recomendou que tentasse escutar a voz das personagens, como elas falariam. Em certo momento, Cecelia se pergunta como Velma, sendo uma mulher branca, “*talked black*”. Para Cecelia, o jeito de Velma falar estava relacionado ao jeito de as pessoas negras falarem, e podemos pensar que ela estaria se referindo ao *Black English*. No Brasil, não temos uma variante específica de falantes negros. No Brasil, as variantes linguísticas mostram um modo de falar relacionado, por exemplo, à classe social e ao grau de instrução formal — que estão associados, por causa da dificuldade de acesso das classes mais baixas à educação — e à região, tanto dentro do país quanto dentro das cidades — os bairros muitas vezes apresentam variedades diferentes. Uma solução possível foi, portanto, tentar usar um modo de falar e um vocabulário que soasse verossímil para aquelas personagens, o que aconteceria na tradução de outros momentos do livro, não só das falas de Velma, mas também dos filhos de Cecelia, dos seus pais, do marido.

3 AMOSTRA DE TRADUÇÃO

Nesta seção apresento, no Quadro 9, a tradução e a revisão de um trecho maior do primeiro capítulo de *The Jailing of Cecelia Capture*. Na primeira coluna está o texto original, na segunda coluna, a tradução que fiz pela primeira vez para a disciplina de estágio obrigatório e, na terceira, a tradução revisada para este projeto. Para facilitar a leitura, destaquei as alterações na nova versão.

Quadro 9 — Tradução e revisão do trecho maior do primeiro capítulo.

Original	Primeira tradução	Tradução revisada
<p>THE JAILING OF CECELIA CAPTURE</p> <p>Janet Campbell Hale</p> <p>One</p> <p>No watch. Nobody in the holding tank had one, since all their belongings had been taken away as part of the booking procedure. No clock. No window.</p> <p>Three or maybe four hours had passed since Cecelia Capture Welles's arrest. Or was it really only an hour or so? It was hard to say because she had been very drunk at the time and she was still not quite sober and was grateful that she wasn't.</p>	<p>A PRISÃO DE CECELIA CAPTURE</p> <p>Janet Campbell Hale</p> <p>Um</p> <p>Sem relógio. Ninguém no centro de detenção tinha um, já que todos os pertences havam sido levados no momento do registro. Sem relógio. Sem janela.</p> <p>Passaram-se três ou quatro horas desde a prisão de Cecelia Capture Welles. Ou teria sido apenas uma hora? Era difícil dizer, porque ela estava muito bêbada quando aconteceu e ainda não se sentia totalmente sóbria e achou</p>	<p>A PRISÃO DE CECELIA CAPTURE</p> <p>Janet Campbell Hale</p> <p>Um</p> <p>Sem relógio. Ninguém na sala de detenção provisória tinha um, já que todos os pertences foram levados no momento do registro. Sem relógio. Sem janela.</p> <p>Três ou quatro horas tinham passado desde a detenção de Cecelia Capture Welles. Ou teria sido na verdade apenas uma hora? Era difícil dizer, porque ela estava muito bêbada quando aconteceu, não se sentia</p>

<p>Being a little drunk took the rough edges off reality. Almost always.</p>	<p>melhor que não estivesse. Estar um pouco bêbada ajudava a suportar os golpes da realidade. Quase sempre.</p>	<p>totalmente sóbria ainda e achou melhor mesmo que não estivesse. Estar um pouco bêbada ajudava a deixar a realidade mais suportável. Quase sempre.</p>
<p>There was time enough to have been transported to the Berkeley jail, hands manacled behind her back. Was that necessary? she wondered. Did they believe that it was? The skin around her wrists was red, and her wrists themselves felt as if they had been bruised, but no bruises were apparent. They would probably show up later, she thought, all blue and purple and ugly.</p>	<p>Passou tempo suficiente para que ela pudesse ser transportada até a prisão de Berkeley, mãos algemadas nas costas. Aquilo era mesmo necessário? Ela se perguntou. Eles realmente acreditavam que era? A pele ao redor dos seus pulsos estava vermelha, e os seus pulsos pareciam ter sido machucados, mas não havia ferimentos aparentes. Provavelmente apareceriam depois, pensou, tudo azul e roxo e feio.</p>	<p>O tempo foi suficiente para que ela fosse levada até a prisão de Berkeley, mãos algemadas nas costas. Aquilo era mesmo necessário? Ela se perguntou. Eles realmente achavam que era? A pele ao redor dos seus pulsos estava vermelha, e ela sentia que eles estavam machucados, mas não havia sinal hematomas. Provavelmente apareceriam depois, pensou, tudo azul e roxo e feio.</p>
<p>Mugshots had been taken. At least they hadn't asked her to smile for the camera. She had an uncomfortable thought: The photographs will turn out ugly, because I'm drunk and they didn't let me do my makeup or even</p>	<p>Tiraram fotos. Pelo menos não pediram que ela sorrisse para a câmera. Um pensamento a incomodou: as fotos vão ficar feias, porque estou bêbada e não deixaram que eu me maquiasse, nem passar um</p>	<p>Tiraram fotos. Pelo menos não pediram que ela sorrisse para a câmera. Um pensamento a incomodou: as fotos vão ficar feias, porque estou bêbada e não me deixaram retocar a maquiagem, nem passar</p>

<p>run a comb through my hair and this lighting is anything but flattering. At least she had had a good salon cut in San Francisco just the day before, or was it the day before that? It seemed almost humorous to her that she cared how she would look in the mugshots.</p>	<p>penete no meu cabelo, e essas luzes não ajudam nada. Pelo menos ela foi a um bom salão em São Francisco no dia anterior, ou foi alguns dias antes? Pareceu meio engraçado que se importasse com sua aparência nas fotos.</p>	<p>um pente no cabelo, e essas luzes não ajudam em nada. Pelo menos ela foi a um bom salão em São Francisco no dia anterior, ou havia sido dois dias atrás? Achou meio cômico que estivesse se importando com sua aparência nas fotos do registro criminal.</p>
<p>She was fingerprinted and given a breathalyzer. The machine was not working right, and the policeman who was trying to administer the test was angry and frustrated. He kept accusing her of not cooperating. His partner came in every few minutes and, speaking in soft, kind, intimate tones, told Cecelia she had better watch out. This other one was mean, he would say, and she had better cooperate or they would have to take a blood sample.</p>	<p>Registraram sua impressão digital e fizeram o teste do bafômetro. O aparelho não funcionava direito, e o policial que tentava aplicar o teste parecia irritado e sem paciência. Continuou dizendo que ela não estava cooperando. De tempos em tempos, outro policial vinha e, em tom suave e gentil, dizia a Cecelia que era melhor ficar atenta. O outro era durão, ele dizia, e era melhor ela cooperar ou eles teriam que retirar uma amostra de sangue.</p>	<p>Registraram sua impressão digital e fizeram o teste do bafômetro. O aparelho não funcionava direito, e o policial que tentava aplicar o teste parecia irritado e sem paciência. Ficava acusando ela de não cooperar. De tempos em tempos, outro policial aparecia e, em tom brando e gentil, como se fossem amigos, dizia a Cecelia que era melhor tomar cuidado. O outro era durão, ele dizia, que era melhor ela cooperar, se não eles teriam que retirar uma amostra de sangue.</p>
<p>Cecelia told them to stop Mutt-and-Jeffing her. (She</p>	<p>Cecelia falou que parassem de brincar de Mutt e Jeff com</p>	<p>Cecelia falou que parassem de bancar Mutt e Jeff com</p>

<p>had learned about that police method in her criminal law class back in her first year of law school.)</p> <p>They took the blood sample then, without her permission, which they could legally do because she had given her permission to be tested on the breathalyzer but would not cooperate — or so they would say in the police report, would testify to in court if it came to that. Of course it was because the breathalyzer was not working right and they needed the blood sample for evidence.</p> <p>She was drunk and therefore somewhat anesthetized and also trying to remain detached from all of this, yet she did feel a surge of anger as she watched them stick the syringe into her unwilling flesh. She felt violated. She watched the tube attached to the syringe fill with her</p>	<p>ela. (Aprendeu sobre esse método em uma aula de direito criminal no primeiro ano da faculdade de direito.)</p> <p>Por fim, levaram a amostra de sangue, sem a permissão dela, o que era legalmente permitido, já que ela tinha concordado em fazer o teste do bafômetro mas não tinha cooperado, era o que eles diriam no relatório policial e testemunhariam no tribunal caso isso acontecesse. Claro que foi porque o bafômetro não estava funcionando direito, e eles precisavam da amostra de sangue para ter alguma evidência.</p> <p>Ela estava bêbada e por isso um pouco anestesiada e também tentando se manter alheia a tudo aquilo, mas sentiu uma onda de raiva ao vê-los enfiar a seringa em sua carne relutante. Sentiu-se violada. Observou o tubo preso à seringa encher com o sangue de sua vida, profundo, vermelho escuro.</p>	<p>ela. (Tinha aprendido sobre esse método em uma aula de direito criminal no primeiro ano da faculdade de direito.)</p> <p>Por fim, levaram a amostra de sangue, sem a permissão dela, o que era legalmente permitido, já que ela tinha concordado em fazer o teste do bafômetro, mas não ia cooperar — ou era o que eles diriam no relatório policial e testemunhariam no tribunal caso chegasse a isso. Mas é claro que, na verdade, o bafômetro não estava funcionando direito, e eles precisavam da amostra de sangue para ter alguma evidência.</p> <p>Ela estava bêbada e por isso um pouco anestesiada e também tentando se desligar de tudo aquilo, mas sentiu uma onda de raiva ao vê-los enfiar a seringa em sua carne relutante. Sentiu-se violada. Observou o tubo preso à seringa encher com o sangue do seu corpo,</p>
--	---	---

<p>life's blood, deep, dark red. Her very blood was taken without her permission. Except for the grey concrete floor, the holding tank was painted yellow. It contained a sink and a commode. Long, narrow wooden benches ran along two walls. The room was dirty, gritty, littered with gum wrappers, cigarette butts and empty cigarette packages.</p> <p>It looked as if it hadn't been swept out or otherwise cleaned for a week or more and had held many temporary inhabitants in that time. Its shabbiness matched the shabby way Cecelia felt: unbathed, hair uncombed, teeth unbrushed, still wearing the rumpled clothing she had worn since early the morning before. At least, she thought, there were no wine stains on her dress. The cell had a bad smell to</p>	<p>Seu próprio sangue levado sem sua permissão.</p> <p>Com exceção do piso de concreto cinza, o centro de detenção era todo pintado de amarelo. Havia uma pia e um vaso sanitário. Bancos compridos e estreitos de madeira corriam ao longo de duas paredes. O cômodo estava sujo, empoeirado, cheio de embalagens de chiclete, pontas e carteiras de cigarro vazias.</p> <p>Parecia que o lugar não era varrido ou limpo há semanas, mas ainda assim muitos habitantes temporários eram mantidos ali. A decadência do local combinava com a decadência que Cecelia sentia sobre si mesma: sem ânimo, cabelo despenteado, dentes não escovados, ainda usando a roupa amarrotada que usou na manhã anterior. Pelo menos, pensou, não havia manchas de vinho no vestido. A cela também tinha</p>	<p>profundo, vermelho-escuro. Seu próprio sangue tirado sem sua permissão.</p> <p>Com exceção do piso de concreto cinza, a sala de detenção provisória era toda pintada de amarelo. Havia uma pia e um vaso sanitário. Bancos compridos e estreitos de madeira corriam ao longo de duas paredes. O cômodo estava sujo, empoeirado, cheio de embalagens de chiclete, pontas e carteiras de cigarro vazias.</p> <p>Parecia que o lugar não era varrido ou limpo há semanas e muitas pessoas tinham sido mantidas ali durante esse tempo. A decadência do lugar combinava com a decadência que Cecelia sentia em si mesma: sem ânimo, cabelo despenteado, dentes não escovados, ainda vestindo a roupa amarrotada que usava na manhã anterior. Pelo menos, pensou, o vestido não estava com manchas de vinho. A cela também</p>
---	--	--

<p>it, too. Just, she supposed, body odor.</p> <p>Cecelia had two cellmates: Velma and Ethel.</p> <p>Velma was a thin white whore with needle tracks up and down her arms. Her teeth were very bad, and her overbleached, dry blond hair hung limply about her face. She had a pale, sickly look, the look a vampire might have, Cecelia thought, if there were such creatures as vampires, and who was she to say there weren't.</p>	<p>um cheiro ruim. Apenas, ela supôs, cheiro das pessoas.</p> <p>Cecelia tinha duas companheiras de cela: Velma e Ethel.</p> <p>Velma era uma prostituta branca e magra com marcas de agulha por todo o braço. Os dentes eram muito malcuidados, e o cabelo loiro, ressecado e artificial, pendia ralo pelo rosto. Tinha um olhar pálido e doente, o olhar que um vampiro teria, Cecelia pensou, se existissem criaturas como vampiros, e quem era ela para dizer que não existiam.</p>	<p>tinha um cheiro ruim. Era apenas, ela supôs, cheiro de pessoas.</p> <p>Cecelia tinha duas companheiras de cela: Velma e Ethel.</p> <p>Velma era uma prostituta branca e magra com marcas de agulha por todo o braço. Os dentes estavam muito malcuidados, e o cabelo loiro, ressecado e artificial, pendia ralo pelo rosto. Tinha um olhar empalidecido e doente, o olhar que um vampiro teria, Cecelia pensou, se existissem criaturas como vampiros, e quem era ela para dizer que não existiam.</p>
<p>Then there was Ethel, a black woman in a black velvet jumpsuit that zipped up the front. The seams strained over her fat, beefy body, her great breasts and her almost unbelievably huge, round, jutting derriere. Ethel had a tough, threatening countenance. She sat on one of the benches, glaring. She told Cecelia to bring her a drink</p>	<p>E também havia Ethel, uma mulher negra num macacão de veludo preto que fechava na frente. As costuras da roupa pressionavam o corpo gordo e carnudo, os seios grandes e o traseiro incredivelmente enorme, redondo e saliente. Ethel tinha um semblante duro e ameaçador. Sentou em um dos bancos, observando. Disse a Cecelia</p>	<p>E Ethel, uma mulher negra usando um macacão de veludo preto que fechava na frente. As costuras da roupa apertavam o corpo gordo e carnudo, os seios grandes e o traseiro imensamente redondo e protuberante. Ethel tinha um semblante firme e ameaçador. Sentou em um dos bancos, olhando feio. Disse a Cecelia para lhe levar um</p>

<p>of water, which Cecelia did. Ethel did not say thank you. She drank the water, dropped the Styrofoam cup on the floor and leaned back against the wall, closing her eyes.</p> <p>Velma wore a bright red miniskirt and a white satin tank top. Thin as she was, her upper arms looked flabby. Her limp hair needed a shampoo.</p> <p>Cecelia thought how strange it was that this woman was desired by men, often, and by many men, so very much desired, in fact, that she was able to earn her living the way she did.</p> <p>Yet — and she did not just realize this now; she had known it for some time and turned it over in her mind, decided it was not valid, and continued to do it anyway — it was through attracting handsome men that she, Cecelia Capture Welles, sought a measure of self-esteem.</p>	<p>para lhe trazer um pouco de água, e Cecelia trouxe. Ethel não agradeceu. Bebeu a água, jogou o copo de isopor no chão e recostou-se contra a parede, fechando os olhos.</p> <p>Velma usava uma minissaia vermelha brilhante e uma blusa branca de cetim. Embora fosse magra, tinha os braços flácidos. O cabelo ralo precisava de um xampu.</p> <p>Cecelia pensou no quanto era estranho que essa mulher fosse desejada pelos homens, muitas vezes e por muitos homens, tão desejada, na verdade, que ela conseguisse ganhar a vida daquele jeito.</p> <p>Porém — não foi agora que ela percebeu; já sabia há muito tempo e voltou a pensar nisso, decidida que aquilo não era uma opção, e continuava achando que não — mesmo que fosse através de homens atraentes que ela, Cecelia Capture Welles, buscasse ter um pouco de autoestima.</p>	<p>pouco de água, e Cecelia levou. Ethel não agradeceu. Bebeu a água, jogou o copo de isopor no chão e recostou-se na parede, fechando os olhos.</p> <p>Velma usava uma minissaia vermelho vivo e uma regata branca de cetim. Embora fosse magra, tinha os braços flácidos. Seu cabelo ralo estava precisando de xampu.</p> <p>Cecelia pensou no quanto era estranho que essa mulher fosse desejada pelos homens, muitas vezes e por muitos homens, tão desejada, na verdade, que ela conseguisse ganhar a vida daquele jeito.</p> <p>Porém — e não foi agora que ela se deu conta; já tinha percebido há muito tempo e voltou a pensar nisto, certa de que não fazia sentido, e continuava achando que não — era com homens atraentes que ela mesma, Cecelia Capture Welles, sustentava sua autoestima.</p>
--	---	---

<p>It was through her ability to attract men that she found the assurance that she was an attractive and desirable woman. Maybe her husband didn't want her any more, but she could still get men, plenty of men. But then, so could Velma, and they were willing to pay good, hard- earned cash for the privilege of lying down with Velma. Cecelia wondered if a prostitute's customers kissed her first.</p> <p>"Hey, girl, what you starin' at?" Velma asked in a loud, hostile voice.</p> <p>"Nothing," Cecelia said. "I'm not staring." She didn't mean to stare at Velma. It was just that the cell was so small, and there were not many places to cast one's eyes.</p> <p>"The hell! You just sittin' there starin' a hole through me!" "You bitches keep it down!" Ethel spoke without moving or opening</p>	<p>Era por meio de sua capacidade de atrair homens que ela encontrava a garantia de que era uma mulher atraente e desejável. Talvez o marido não a quisesse mais, mas ela ainda podia ter homens, muitos homens. Mas Velma também podia, e eles estavam dispostos a pagar um bom e suado dinheiro pelo privilégio de ir para a cama com Velma. Cecelia se perguntou se os clientes beijavam as prostitutas primeiro.</p> <p>“Ô, guria, que tá olhando?” Velma perguntou num tom de voz alto e hostil.</p> <p>“Nada”, Cecelia disse. “Não estou olhando”. Ela não tinha intenção de ficar olhando para Velma. É que a cela era tão pequena, e não havia muitos lugares para onde olhar.</p> <p>“Ah, vai pro inferno! Fica aí sentada olhando, perdeu alguma coisa?” “Calem a boca, suas vadias!” Ethel falou sem se mexer nem abrir</p>	<p>Era com sua capacidade de atrair homens que ela se convencia de ser uma mulher atraente e desejável. Talvez o marido não a quisesse mais, mas ela ainda podia ter homens, muitos homens. Se bem que Velma também podia, e eles estavam dispostos a pagar um bom dinheiro, seu suado dinheiro, pelo privilégio de ir para a cama com Velma. Cecelia ficou se perguntando se o cliente beijava a prostituta primeiro.</p> <p>— Ô, guria, que que tá olhando?, Velma perguntou num tom de voz alto e hostil.</p> <p>— Nada, Cecelia disse. Não estou olhando.</p> <p>Ela não tinha intenção de ficar olhando para Velma. É que a cela era tão pequena, que não havia muitos lugares para onde olhar.</p> <p>— Ah, vai pro inferno! Fica aí sentada olhando, perdeu alguma coisa?</p> <p>— Cala a boca, suas vadia!, Ethel falou sem se</p>
--	--	--

<p>her eyes. Her tone showed that she meant business. In a quieter voice Velma asked Cecelia what she was in for.</p> <p>"DUI," Cecelia answered. "Driving under the influence."</p> <p>"Drunk drivin'," Velma said self-righteously, "is worse than peddlin' your ass. Drunk drivin' kills and cripples. Damages property. Fuckin' never hurt nobody."</p> <p>"Tha's right," Ethel said, eyes still closed, eyelids completely motionless. She didn't say another word, though both Velma and Cecelia waited for her to continue. But she didn't say anything more, just "Tha's right."</p> <p>"I know," Cecelia said. It was true. She belonged in jail more than Velma did. Velma spoke with a straight tongue.</p> <p>Fucking never did hurt anyone, except maybe in a</p>	<p>os olhos. O tom dela deixou bem claro que não estava de brincadeira. Com a voz mais baixa, Velma perguntou a Cecelia por que ela estava ali.</p> <p>"D.U.I.", Cecelia respondeu. "Dirigir sob a influência de álcool".</p> <p>"Dirigir bêbada", Velma disse decidida, "pior que dar a bunda por grana. Dirigir bêbada mata e deixa as pessoa aleijada. Estraga as coisa. Foder nunca machucou ninguém não".</p> <p>"Verdade", Ethel disse, olhos ainda fechados, pálpebras completamente imóveis. Não disse mais nenhuma palavra, embora Velma e Cecelia esperassem que ela continuasse falando. Mas não disse mais nada, apenas "Verdade".</p> <p>"Eu sei", Cecelia disse. Era verdade. Ela merecia estar na cadeia mais do que Velma. Velma foi curta e grossa.</p> <p>Foder nunca tinha machucado ninguém, pelo</p>	<p>mexer nem abrir os olhos. O jeito que ela falou mostrou que não estava de brincadeira. Com a voz mais baixa, Velma perguntou a Cecelia por que ela estava ali.</p> <p>— Dirigir sob a influência de álcool, Cecelia respondeu.</p> <p>— Dirigir bêbada, Velma disse convicta, pior que dar a bunda por grana. Mata e machuca as pessoas. Estraga as coisas dos outros. Foder nunca feriu ninguém não.</p> <p>— É..., Ethel disse, olhos ainda fechados, pálpebras completamente imóveis. Não disse mais nenhuma palavra, embora Velma e Cecelia esperassem que ela continuasse falando. Mas não disse mais nada, apenas "É".</p> <p>— Eu sei, Cecelia disse. Era verdade. Ela merecia estar na cadeia mais do que Velma. Velma foi curta e grossa.</p> <p>Foder nunca tinha machucado ninguém, pelo</p>
--	--	---

<p>roundabout way. Certainly not the way the drunken driver of a big, powerful, fast-moving automobile could hurt.</p> <p>She remembered how she had driven aimlessly through the streets of Berkeley in the pouring rain, windshield wipers not turned on. It had seemed cozy inside the old Chevy, the heater making it warm and comfortable, the radio turned to KCOW, the Bay Area country music station. The rain on the windows softened and blurred the outside world, which she already viewed through an alcoholic haze, and she had been crying. Yes, she remembered now, tears and rain and alcohol. What a combination. She had almost managed to blot out the world.</p> <p>Velma, who had been pacing, sat down on the bench, eyes narrowed, and looked at Cecelia, the</p>	<p>menos não diretamente. Com certeza não como a motorista bêbada de um carro grande, poderoso e em alta velocidade poderia machucar.</p> <p>Lembrou-se de como tinha dirigido sem rumo pelas ruas de Berkeley na chuva, limpadores do para-brisa desligados. Estava tão aconchegante dentro do velho Chevy, o ar-condicionado deixando-o aquecido e confortável, ligou o rádio na KCOW, estação de música country da Baía de São Francisco. A chuva nas janelas deixava suave e borrado o mundo lá fora, que era visto por uma névoa enebriante, e ela havia chorado. Sim, ela lembrava agora, lágrimas e chuva e álcool. Que combinação. Tinha quase conseguido apagar o mundo lá fora.</p> <p>Velma, que andava de um lado para o outro, sentou-se no banco, olhos cerrados, e olhou para Cecelia, a mulher</p>	<p>menos não diretamente. Com certeza não como a motorista bêbada de um carro grande, potente e em alta velocidade poderia machucar.</p> <p>Lembrou-se de como tinha dirigido sem rumo pelas ruas de Berkeley na chuva, limpadores do para-brisa desligados. Estava tão aconchegante dentro do velho Chevy, o ar-condicionado deixando tudo aquecido e confortável. Ligou o rádio na KCOW, estação de música country da região da baía de São Francisco. A chuva nas janelas deixava suave e embaçado o mundo lá fora, que ela já estava vendo por meio da névoa etílica, e ela tinha chorado. Sim, ela lembrava agora, lágrimas e chuva e álcool. Que combinação. Tinha quase conseguido apagar o mundo.</p> <p>Velma, que andava de um lado para o outro, sentou-se no banco, olhos quase fechados, e olhou para</p>
---	--	--

<p>woman who knew she was a menace to society and belonged behind bars. Velma studied her carefully, taking her in from head to toe. Twenty-seven, she would guess, or twenty-eight or thereabouts; hard to tell. Dark skinned. Not very dark, but dark enough to show she wasn't white. Mexican, more than likely. Orientals and Mexicans, it seemed, held their ages differently than white people.</p> <p>She wore a conservative light blue knit dress. Joseph Magnin, probably. Dark shoulder-length hair, newly cut. Velma took in the expensive Italian shoes and the wide gold wedding band on the third finger of her left hand. Velma had known she was a married woman, though, even before she spotted that obnoxious ring.</p> <p>There was just something about her that seemed</p>	<p>que sabia que era uma ameaça para a sociedade e que deveria ficar atrás das grades. Velma a estudou com cuidado, analisando-a da cabeça aos pés. Vinte e sete, podia adivinhar, ou vinte e oito, por aí; difícil dizer. Pele escura. Não muito escura, mas escura o suficiente para notar que ela não era branca. Mexicana, muito provavelmente. Os orientais e os mexicanos, parecia, envelheciam de maneira diferente dos brancos.</p> <p>Usava um vestido conservador de malha azul-claro. Joseph Magnin, provavelmente. Cabelos escuros na altura dos ombros, recém-cortados. Velma observou os sapatos italianos caros e a aliança de ouro larga no terceiro dedo da mão esquerda. Mas Velma sabia que ela era uma mulher casada antes mesmo de ver aquele anel detestável.</p> <p>Simplesmente alguma coisa nela deixava claro que era</p>	<p>Cecelia, a mulher que sabia que era uma ameaça para a sociedade e deveria ficar atrás das grades. Velma a analisou com cuidado, da cabeça aos pés. Vinte e sete, chutava, ou vinte e oito, por aí. Difícil dizer. Pele escura. Não muito, mas escura o suficiente para notar que ela não era branca. Mexicana, muito provavelmente. Os orientais e os mexicanos parecem envelhecer de maneira diferente dos brancos.</p> <p>Usava um vestido recatado de malha azul-claro. Joseph Magnin, provavelmente. Cabelos escuros na altura dos ombros, recém-cortados. Velma observou os sapatos italianos caros e a aliança de ouro larga no terceiro dedo da mão esquerda. Mas sabia que Cecelia era uma mulher casada antes mesmo de ver aquele anel horrrível detestável.</p> <p>Simplesmente alguma coisa nela mostrava que era</p>
---	---	---

<p>married. Velma lit a cigarette.</p> <p>"Well," she said, "and a married woman, too, huh?"</p> <p>"Yeah."</p> <p>"Married women are worse than whores," Velma stated flatly.</p> <p>"Damned hypocrites. I personally have no use for them. Never did. Never will."</p> <p>Cecelia did not respond. She wished she had a cigarette. Oh, God, but she wished she wasn't there. In jail. Almost anything would have been better. Maybe she should have let Roberto take her home. No. Being in jail was better than that would have been. Imagine waking up beside Roberto.</p> <p>Velma paced around again, picking at the skin on her arms. Cecelia hoped she wasn't going to start going through withdrawal now. She didn't know anything about heroin addicts, how long they had to go without before withdrawal began.</p>	<p>casada. Velma acendeu um cigarro.</p> <p>“Bom”, ela disse, “é casada também, né?” “Sim”.</p> <p>“Mulher casada é pior que prostituta”, afirmou Velma, categórica.</p> <p>“Hipócritas. Não tenho saco para isso. Nunca tive. Nem vou ter”.</p> <p>Cecelia não respondeu. Queria muito um cigarro. Ah, Deus, na verdade não queria estar ali. Na cadeia. Quase qualquer coisa seria melhor. Talvez ela devesse ter deixado Roberto levá-la para casa. Não. Estar na cadeia era melhor. Imagine acordar ao lado de Roberto.</p> <p>Velma andava de um lado a outro, beliscando os braços. Cecelia torcia para que ela não entrasse numa crise de abstinência agora. Não sabia nada sobre viciados em heroína, quanto tempo demorava para que eles sentissem a abstinência.</p>	<p>casada. Velma acendeu um cigarro.</p> <p>— Então, ela disse, é casada também, né?</p> <p>— Sim.</p> <p>— Mulher casada é pior que prostituta, afirmou Velma, categórica.</p> <p>— Que hipócritas. Não tenho saco para isso. Nunca tive. Nem vou ter.</p> <p>Cecelia não respondeu. Queria muito um cigarro. Ah, meu Deus, na verdade não queria estar ali. Na cadeia. Quase qualquer coisa seria melhor. Talvez ela devesse ter aceitado a carona de Roberto. Não. Estar na cadeia era melhor. Imagine acordar ao lado de Roberto.</p> <p>Velma andava de um lado a outro, beliscando os braços. Cecelia torcia para que ela não entrasse numa crise de abstinência. Não sabia nada sobre vício em heroína, quanto tempo levava para começar a sentir falta.</p>
--	--	---

<p>Velma paced, and Cecelia could see the beads of sweat on her forehead and upper lip. She was apparently very agitated, picking at her skin and pacing. Come on, Velma, Cecelia thought, talk mean and bad some more. Say something. Don't get sick. Velma stopped pacing and sat down.</p> <p>"The only difference between a married woman and a whore," Velma told Cecelia, "is that they fuck just one dude and get paid a lot less.</p> <p>Then they walk around looking down their noses and thinking they're so good."</p> <p>Cecelia shrugged, relieved that Velma seemed all right again, at least for the time being. Velma took out her pack of cigarettes and offered Cecelia one, which she accepted gratefully. She needed it.</p> <p>"Thanks," she said, inhaling deeply.</p>	<p>Velma andava de um lado para o outro, e Cecelia podia ver as gotas de suor em sua testa e em seu buço. Parecia muito agitada, beliscando a pele e andando de um lado para o outro. Vamos, Velma, Cecelia pensou, seja um pouco mais grossa e agressiva. Fale alguma coisa. Não fique mal. Velma parou de andar e sentou-se.</p> <p>"A única diferença entre uma mulher casada e uma prostituta", Velma disse a Cecelia, "é que elas fode com um cara só e recebe muito menos.</p> <p>Daí andam por aí com os nariz empinado, achando que são as melhor".</p> <p>Cecelia encolheu os ombros, aliviada porque Velma parecia bem de novo, pelo menos por enquanto. Velma pegou seu maço de cigarros e ofereceu um a Cecelia, que aceitou agradecida. Precisava disso.</p> <p>"Obrigada", ela disse, inalando com vontade.</p>	<p>Velma andava de um lado para o outro, e Cecelia conseguia ver as gotas de suor na testa e no buço dela. Parecia muito agitada, beliscando a pele e andando de um lado para o outro. Vamos, Velma, Cecelia pensou, pode continuar sendo grossa e agressiva. Fale alguma coisa. Não fique mal. Velma parou de andar e sentou-se.</p> <p>— A única diferença entre uma mulher casada e uma prostituta, Velma disse a Cecelia, é que elas fodem com um cara só e recebem muito menos.</p> <p>Daí andam por aí com o nariz empinado, achando que são as melhor.</p> <p>Cecelia encolheu os ombros, aliviada porque Velma parecia bem de novo, pelo menos por enquanto. Velma pegou seu maço de cigarros e ofereceu um a Cecelia, que aceitou agradecida. Precisava disso.</p>
---	--	--

<p>"Did you call Hubby yet?" Velma asked in a mocking tone.</p> <p>Cecelia shook her head. Hubby. Her husband, Nathan, was not there. He was in Spokane, Washington, supposedly waiting for her to finish her law degree and return to him and the two children and the house they were buying on a lot and a half in a peaceful little middle-class neighborhood near Northtown Shopping Center.</p> <p>In reality, though, it was not that way. In reality, she knew, her husband wanted her never to come home. He had not been her husband really for a long, long time. He had become another enemy to struggle against and try to keep herself safe from.</p> <p>"You gonna call him?" "No. I'm not going to call him."</p>	<p>"Já ligou pro Maridinho?" Velma perguntou com tom irônico.</p> <p>Cecelia balançou a cabeça. Maridinho. Seu marido, Nathan, não estava lá. Estava em Spokane, Washington, supostamente esperando que ela terminasse seu curso de direito e voltasse para ele, as duas crianças e a casa que estavam comprando, de um terreno e meio num bairro tranquilo de classe média perto do shopping Northtown.</p> <p>A realidade, porém, não era essa. A realidade, ela sabia, era que o marido não queria que ela voltasse para casa nunca mais. Não era mais marido dela de verdade já fazia muito, muito tempo. Ele tornara-se outro inimigo contra quem lutar e de quem precisava se proteger.</p> <p>"Vai ligar pra ele?" "Não. Eu não vou ligar para ele".</p>	<p>— Obrigada, ela disse, inalando com vontade.</p> <p>— Já ligou pro Maridinho?, Velma perguntou de um jeito irônico.</p> <p>Cecelia balançou a cabeça. Maridinho. Seu marido, Nathan, não estava lá. Estava em Spokane, Washington, supostamente esperando que ela terminasse o curso de direito e voltasse para ele, as duas crianças e a casa que estavam comprando, de um terreno e meio num bairro tranquilo de classe média perto do shopping Northtown.</p> <p>A realidade, porém, não era essa. A realidade, ela sabia, era que o marido não queria que voltasse para casa nunca mais. Não era mais marido dela de verdade já fazia muito, muito tempo. Ele se tornou outro inimigo contra quem lutar e de quem precisava se proteger.</p> <p>— Vai ligar pra ele? — Não. Eu não vou ligar pra ele.</p>
---	--	--

<p>"What you think he gonna say when he find out his nice little wife been a bad girl?" Cecelia just shook her head, wondering how come a white woman like Velma talked black.</p> <p>"Humph. Don't matter," Velma said. "You gonna be otta here anyway in just a few hours on OR."</p> <p>"Most likely will."</p> <p>"Humph. Don't even make sense," Velma said. "Some irresponsible bitch like you, goin' around endangerin' citizens' lives gets out on OR while a workin' girl like me has to wait for her old man to bring 'round the bail money."</p> <p>"Well, Velma, that's the way it is," Cecelia said, more to herself than to Velma. She wished she had a drink. She was very nearly sober now, beginning to feel afraid and panicky.</p>	<p>"O que tu acha que ele vai falar quando ver que a esposinha querida dele aprontou?" Cecelia apenas balançou a cabeça, perguntando-se como Velma, sendo uma mulher branca, podia falar como os negros.</p> <p>"Hunf. Não importa não", Velma disse. "Daqui a pouco tu já vai tá longe daqui mesmo em OR".</p> <p>"Vai mesmo".</p> <p>"Hunf! Não faz sentido", Velma disse.</p> <p>"Uma cadela irresponsável que nem tu, botando em risco as vida dos cidadão sai em OR, e uma mulher trabalhadora que nem eu tem que esperar o homem dela pagar a fiança".</p> <p>"Bem, Velma, as coisas são assim", Cecelia disse, mais para si mesma do que para Velma. Queria poder tomar uma bebida. Estava muito sóbria agora, começando a sentir medo e pânico.</p>	<p>— O que tu acha que ele vai falar quando ver que a esposinha querida dele aprontou? Cecelia apenas balançou a cabeça, perguntando-se como Velma, sendo uma mulher branca, falava como os negros.</p> <p>— Aff. Não importa, Velma disse. Daqui a pouco tu já vai tá longe daqui mesmo e sem pagar fiança.</p> <p>— Provavelmente vou.</p> <p>— Aff! Não faz sentido, Velma disse.</p> <p>— Uma vadia irresponsável que bota em risco a vida dos cidadão consegue sair sem pagar fiança, e uma mulher trabalhadora que nem eu tenho que esperar um homem me tirar daqui.</p> <p>— Bem, Velma, as coisas são assim, Cecelia disse, mais para si mesma do que para Velma. Queria beber alguma coisa. Estava muito sóbria agora, começando a sentir medo e pânico.</p>
---	---	---

4 LIMITAÇÕES NA TRADUÇÃO

Meu objetivo com este trabalho foi traduzir trechos do livro de Janet Campbell Hale e registrar minhas soluções, preocupações e limitações em relação a essa tradução. A maior preocupação e a maior limitação foram as diferenças culturais que me deixam tão longe do contexto de Cecelia.

Na narração dessa história, vemos a voz dela muito claramente, embora não tenha sido escrita em primeira pessoa. Ela passou parte da vida numa reserva indígena e parte em cidades dos Estados Unidos como Berkeley e São Francisco. Foi criada pelo pai, que era do povo Coeur d'Alene, e pela mãe, irlandesa, que tentava esconder a descendência indígena, mas tinha raízes Kootenai. É estudante de direito, foi mãe aos 17 anos e vivenciou um não pertencimento em todos os locais por onde passou. Isso está longe de caracterizar completamente a personagem, mas já deixa muito evidente que temos visões de mundo muito diferentes. Como estudante de letras e tradutora, formei certa consciência crítica em relação à língua, aos dialetos, ao preconceito linguístico, ao espaço das minorias na literatura, e tudo isso me ajuda a traduzir e refletir sobre o meu trabalho. Mas essa distância de mundos me traz muitas limitações, como foi possível ver neste registro de tradução, em relação principalmente às vozes dos personagens nos diálogos, como a de Velma, e a termos carregados de preconceito, como “*chief*” e “*half-breed*”. Só esses dois aspectos já poderiam ser objeto de um estudo. Cada um deles possibilitaria (e exigiria) reflexões sobre a tradução, por exemplo, sobre marcas da oralidade na escrita, termos desrespeitosos e violentos, entre outros.

A tradução que apresentei neste trabalho tem o propósito de pensar sobre a tradução de uma obra de autoria indígena; não tem a intenção de ser definitiva. Acho que uma das coisas que um tradutor mais gostaria, em vários trabalhos, é a possibilidade de conversar sobre o texto com seu autor. Quando penso nisso, sempre me lembro da correspondência entre Guimarães Rosa e o tradutor de *Corpo de Baile*, Edoardo Bizzarri, correspondência que virou um livro com discussões entre os dois sobre a tradução — um sonho distante para a maioria dos tradutores. Mas seria fundamental que o processo tradutório fosse compartilhado com quem tem uma “vivência social e linguística para poder tomar com propriedade as decisões”. Seria muito enriquecedor para os estudos de tradução e os estudos literários se, a partir deste trabalho, outras traduções, completas e mais adequadas, de *The Jailing of Cecelia Capture* fossem feitas no futuro.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Ian. A ficção de Geni Guimarães: autoria negra e tradução branca. *In*: ARAÚJO, Romero Vizeu; KLAFFKE, Marina Figueiró; SCHIFFNER, Tiago Lopes (org.) BERKELEY CITY JAIL. *About us: City Offices & Service Locations*. Berkeley, s.d. Disponível em: <https://berkeleyca.gov/your-government/about-us/city-offices-service-locations/berkeley-city-jail>. Acesso em: 29 mar. 2023.

BIOGRAPHY.COM Editors. *Biografia de Geronimo*. The Biography.com website. A&E Television Networks, 2021 [2014]. Disponível em: <https://www.biography.com/political-figures/geronimo>. Acesso em: 29 mar. 2023.

BRANDT, Ricardo; MACEDO, Fausto. Bom comportamento. *Estadão*, São Paulo, 01 out. 2019. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/bom-comportamento/>. Acesso em: 29 mar. 2023.

BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Regula a Execução Penal, os Juízes da Execução e a Vítima de Crime. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 13 jul. 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm. Acesso em: 01 abr. 2023.

CROWLEY, Michael. Mutt and Jeff. *New Republic*, documento online, 2008. Disponível em: <https://newrepublic.com/article/47247/mutt-and-jeff>. Acesso em: 28 mar. 2023.

DUTRA, Yuri Frederico. “*Como se estivesse morrendo*”: A prisão e a revista íntima em familiares de reclusos em Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Direito) — Programa de Pós-Graduação em Direito, Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91282/255056.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 mar.

EBERHARD, David M., GARY F. Simons, and Charles D. Fennig. *Ethnologue: Languages of the World*. Twenty-sixth edition. Dallas, Texas: SIL International, 2023. <https://www.ethnologue.com/language/crd/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

ELP. Endangered Languages Project. *Coeur d’Alene*. s.d. Disponível em: <https://www.endangeredlanguages.com/lang/1695>. Acesso em: 1 abr. 2023.

FICHAR. *In*: Dicionário Caldas Aulete Digital. Rio de Janeiro: Lexikon, s.d. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/fichar>. Acesso em: 20 mar. 2023.

FURLAN, Laura M. “Look for the color red”: recovering Janet Campbell Hale’s *The Jailing of Cecelia Capture*. *Intertexts*, Lubbock, v. 14, n. 2, p. 105-118, Fall 2010. Disponível em: <https://go.gale.com/ps/i.do?p=AONE&u=googlescholar&id=GALE%7CA256172525&v=2.1&it=r&sid=googleScholar&asid=bcd6e97f>. Acesso em: 28 mar. 2023.

GEISLER, Luisa. *Cinco escritoras indígenas contemporâneas que precisam ser divulgadas*. Portal das Missões, [S.l.], 1 maio 2019. Disponível em:

<https://www.portaldasmissoes.com.br/noticias/view/id/604/cinco-escritoras-indigenas-contemporaneas-que-prec.html>. Acesso em: 26 mar. 2023.

HALE, Janet Campbell. *The jailing of Cecelia Capture*. Edição para Kindle. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987. (Originalmente publicado em 1985). Acesso em: 22 mar. 2023.

HALF-BREED. *Online Etymology Dictionary*. 2017. Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/half-breed>. Acesso em: 2 abr. 2023.

HILL, Roberta. A Heart Complete: Earth Knowledge, Native American Literature and Social Justice. In: TORRES, S. *Raízes e Rumos: Perspectivas Interdisciplinares em Estudos Americanos*. Org. Rio de Janeiro: 7Letras, 2001. p. 29-60.

HOWARD UNIVERSITY SCHOOL OF LAW. *A Brief History of Civil Rights in the United States: The Termination Era (1953–1968)*. 2023. Disponível em: <https://library.law.howard.edu/civilrightshistory/indigenous/termination>. Acesso em: 2 abr. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Economia e Estatística. *Catálogo*. Brasília, documento online, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=418267>. Acesso em: 2 abr. 2023.

JEFFING. *The Free Dictionary*, documento online, (s.d.). Disponível em: <https://idioms.thefreedictionary.com/jeffing>. Acesso em: 28 mar. 2023.

JOHNSON, Troy. The Alcatraz Indian Occupation. *National Park Service*, November 26, 2019. Disponível em: <https://www.nps.gov/alca/learn/historyculture/we-hold-the-rock.htm>. Acesso em: 2 abr. 2023.

LAROCHE, Maximilien. *Dialectique de l’Americanisation*. Quebec: Université Laval/Grelca, 1993. Traduzido por Nubia Jacques Hanciau (FURG). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cdrom/laroche/laroche.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2023.

LYNCH, Neal. Janet Campbell Hale. *Encyclopaedia Britannica*, nov. 11, 2014. Última atualização em 7 jan. 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Janet-Campbell-Hale>. Acesso em: 1 abr. 2023.

MAGALHÃES, Daniela. Homem tenta invadir mansão de Rihanna para “pedi-la em casamento”. *Metrópoles*, Brasília, mar. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/leo-dias/homem-tenta-invadir-mansao-de-rihanna-para-pedi-la-em-casamento>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MAGID, Laurie. Deceptive Police Interrogation Practices: How Far Is Too Far? *Michigan Law Review*, documento online, volume 90, número 8, 1992. Disponível em: <https://repository.law.umich.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2258&context=mlr>. Acesso em: 28 mar. 2023.

MARQUES, Marcelo. Preso é encontrado enforcado em sala de contenção de presídio de RR. *G1 Roraima*, 15 abr. 2015. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2015/04/preso-e-encontrado-enforcado-em-sala-de-contencao-de-presidio-de-rr.html>. Acesso em: 29 mar. 2023.

MCCARTHY, Cormac. *Blood Meridian: Or the Evening Redness in the West*. Nova York: Knopf Doubleday, 1992.

MCCARTHY, Cormac. *Meridiano de Sangue*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020. Traduzido por Cássio de Arantes Leite.

MÉDICO passou a noite em cela de triagem da Penitenciária Industrial de Caxias do Sul. *Gaúcha ZH*, Caxias do Sul, 12 mar. 2010. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2010/03/medico-passou-a-noite-em-cela-de-triagem-da-penitenciaria-industrial-de-caxias-do-sul-2836109.html>. Acesso em: 01 abr. 2023.

MERRIAM-WEBSTER. *Jail vs. Prison: What's the Difference?*. [S.l.], Merriam-Webster, 2021. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/jail-vs-prison-difference>. Acesso em: 29 mar. 2023.

MITCHELL, Richard; ROBINSON, Linton. Aunt Pudge and the bank robber. *San Diego Reader*, 5 mar. 1992. Disponível em: <https://www.sandiegoreader.com/news/1992/mar/05/cover-aunt-pudge-and-the-bank-robber/>. Acesso em: 2 abr. 2023.

MTV IMPACT. Are Cracker, *White Trash*, & *Redneck Racist*? Decoded, MTV News. YouTube, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wIIt-gTHWOY&ab_channel=MTVImpact. Acesso em: 3 abr. 2023.

PAULS, Elizabeth Prine. *Native American Reorganization*. Encyclopædia Britannica, 1999. Última atualização: 24 mar. 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Native-American/Reorganization>. Acesso em: 31 mar. 2023.

PBS News Hour. *The origin of 'white trash,' and why class is still an issue in the U.S.* 2016. Disponível em: <https://www.pbs.org/newshour/show/origin-white-trash-class-still-issue-u-s>. Acesso em: 2 abr. 2023.

REGISTRO. In: Dicionário Caldas Aulete Digital. Rio de Janeiro: Lexikon, s.d. Disponível em: <https://aulete.com.br/registro>. Acesso em: 20 mar. 2023.
Saldo acumulado e o tamanho do estrago: estudos sobre literatura brasileira moderna. Porto Alegre: Zouk, 2022. 313 p. ePUB.

SAN DIEGO County Sheriff's Department Detention Services Bureau. *Management Incarcerated Persons*. San Diego, 2022. Disponível em: <https://apps.sdsheriff.net/PublicDocs/SB978/Detention%20Services%20Bureau/Detentions%20Policy%20and%20Procedure%20Sections/Section%20J%20-%20SPECIAL%20MANAGEMENT%20INCARCERATED%20PERSONS/j02.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2023.

SÃO PAULO. *Saiba a diferença entre CPD, CPP, CRP e penitenciária compacta*. São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/saiba-a-diferenca-entre-cdp-cpp-crp-e-penitenciaria-compacta/>. Acesso em: 29 mar. 2023.

SCHÄFER, Camila. Defensoria garante absolvição a mulher que danificou porta de delegacia após ser presa indevidamente por discussão em ônibus. *Defensoria RS*, 9 fev. 2022. Disponível em: <https://www.defensoria.rs.def.br/defensoria-garante-absolvicao-a-mulher-que-danificou-porta-de-delegacia-apos-ser-presa-indevidamente-por-discussao-em-onibus>. Acesso em: 29 mar. 2023.

SHONK, Katie. *Good Cop, Bad Cop Negotiation Strategy*. Harvard Law School Daily Blog, 7 jan. 2020. Disponível em: <https://www.pon.harvard.edu/daily/batna/the-good-cop-bad-cop-negotiation-strategy/>. Acesso em: 5 mar. 2023.

SOUSA, Maíra Borges de. *Bud Fischer e Mutt and Jeff*. Omelete, 30 out. 2012. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/bud-fischer-e-mutt-and-jeff>. Acesso em: 5 mar. 2023.

THE SPOKESMAN REVIEW. *North Idaho College offers instruction in Coeur d'Alene language*. Spokane, Washington, 25 jan. 2014. Disponível em: <https://www.spokesman.com/stories/2014/jan/25/north-idaho-college-offers-instruction-in-coeur/>. Acesso em: 1 abr. 2023.

UAF. University of Alaska Fairbanks. *Termination Era, the 1950s, Public Law 280*. University of Alaska, s.d. Disponível em: <https://qr.page/g/4oGWCqSeXuW>. Acesso em: 2 abr. 2023.

UFC. Universidade Federal do Ceará. *Sala de cultivo de microbactérias*, Fortaleza, [s.d.]. Disponível em: <https://micobacterias.ufc.br/pt/infraestrutura/cultivo-nb-3/>. Acesso em: 29 mar. 2023.

WESTPHALEN, Flávia Carpes. *Survivance: a sobrevivência nas literaturas indígenas do Canadá e do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.